

Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 72 · Nº 767 · €1,80

Abril 2011

Um **Grito** de Angústia

Porque é que Jesus sofreu? E o que é que isso significa para si?



22

Como é que os Adventistas adoptaram o ensino bíblico do dízimo?



10

Esqueletos no Armário

Vamos partilhar um conjunto de respostas extraordinárias para perguntas comuns sobre a evolução da espécie humana.



24

A Educação Adventista no Século 21: 8 Tendências Importantes

S Á B A D O E S P E C I A L

Educação Adventista

TRANSMISSÃO VIA WEBTV
PARA TODA A IGREJA

a partir da
Igreja de Setúbal

16 de Abril

www.tvadventista.pt



*Sugestão de Tema para
programa à tarde
(Responsabilidade das igrejas locais)*

O PERIGO DAS REDES SOCIAIS

[http://www.youtube/user/
RedeEscolarASD](http://www.youtube/user/RedeEscolarASD)



Departamento de Educação
União Portuguesa dos Adventistas
do Sétimo Dia



CONVITE PARA O ENCONTRO DA ARFA 2011

Amicale des Retraités Francophones Adventistes

Desde 1985, a ARFA organiza um encontro anual em Collonges-sous-Salève, na França, para os obreiros reformados: pastores, evangelistas, professores, pessoal médico e administrativo. Este ano, o encontro será aberto aos reformados de todo o território da Divisão Euro-Africana. Venham encontrar os vossos bons e velhos amigos!

Data: 31 Agosto a 04 Setembro

Local: Campus Adventiste de Collonges (França)



Informações adicionais: Adolf et Janine Kinder, 463 Route du Rosay
74700 Sallanches – FRANÇA E-mail: adi.kinder@orange.fr Tel./Fax: 0033 (04)
50 58 10 01

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

Índice

ARTIGO DE FUNDO

15

Um Grito de Angústia

Ao contemplar a cruz, clamo a Deus para quebrar o meu coração, para me fazer perceber que foi pela minha transgressão da Lei, pelo meu pecado, pela minha culpa, que Jesus morreu.

COLPORTAGEM

30

As Publicações e a Evangelização

Porque é que Deus dá tanta importância à palavra escrita?

PÁGINA DA CRIANÇA

32

Vitamina D... de "Descobrir"

PÁGINA JOVEM

33

Fardo Leve

EDITORIAL

04 A Igreja de Deus

05 Memo

PÁGINA DO LEITOR

05 Coração de Servo

06 Notícias Internacionais

- Europa
- Brasil
- Peru
- Divisão Euro-Africana

REFLEXÃO

08 "Que Farei, Então, de Jesus?"

O que é que levou Jesus a entregar-Se, por ti e por mim, em silêncio? O Amor.

CIÊNCIA E RELIGIÃO

10 Esqueletos no Armário - parte 2

Vamos partilhar um conjunto de respostas extraordinárias para perguntas comuns sobre a evolução da espécie humana.

18 Notícias Nacionais

- Leiria/Gândara dos Olivais/Pombal
- Porto
- Porto/Ermesinde
- Benavente
- Almada
- Brandoa
- Póvoa de S. Adrião

- Aveiro
- Lagoa

TESTEMUNHO

21 Somos Obras-primas de Deus

Mas quem é que entre a multidão compreendeu que Ele estava a morrer pelos seus pecados, que Ele estava a sofrer o seu castigo?

MORDOMIA

22 Como é que os Adventistas adoptaram o ensino bíblico do dízimo?

"A 'causa de Deus' necessitava de ofertas e dízimos consistentes e sacrificiais.

EDUCAÇÃO

24 A Educação Adventista no Século 21: 8 Tendências Importantes

Apesar dos seus desafios, as nossas instituições educativas continuam a proporcionar o melhor contexto para a formação de um carácter semelhante ao de Cristo.

CRENÇAS FUNDAMENTAIS ASD

28 Apresento-vos o meu Pai

O meu pai terrestre fez o que lhe pareceu melhor (quase sempre!), mas o meu Pai celeste sabe o que é melhor para mim (sempre!).

A Igreja de Deus

Dúvidas são lançadas sobre o verdadeiro papel da Igreja no contexto do mundo actual e sobre o cumprimento da sua missão como Igreja que satisfaz plenamente os requisitos bíblicos, no que concerne à guarda dos mandamentos de Deus e à orientação profética proporcionada pelo Testemunho de Jesus, conforme descreve João no Apocalipse. A Igreja do Senhor não valoriza apenas o presente, mas, desde a sua origem, crê que Deus dirigiu e continuará a dirigir a História da humanidade. Assim, o adventismo não se reduz a um conceito imperfeito que aparece no mundo religioso do século XIX, como alguns procuram fazer crer.

O Deus que, no passado, estava com o Seu povo para o conduzir, animar e fortalecer, permanece hoje com a Sua mão estendida, o Seu ouvido atento, pronto a conceder os Seus preciosos dons espirituais, tendo em conta a edificação da Igreja como um corpo unido no propósito e na missão. Assim, o passado não pode ser esquecido, pois ele habilita-nos a agir no presente, com confiança na acção de Deus. Temos que volver os nossos olhos ao passado e procurar exemplos que nos mostrem claramente como Deus habilitou o Seu povo, o instruiu e dirigiu para que fosse, em todo o tempo, a luz do mundo e o sal da terra. *“Ao recapitular a nossa história passada, havendo percorrido todos os passos do nosso progresso até ao nosso estado actual, posso dizer: Louvado seja Deus! Quando vejo o que Deus tem executado, encho-me de admiração e de confiança na liderança de Cristo. Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado. Somos agora um povo forte, se pusermos a nossa confiança no Senhor; pois estamos lidando com as poderosas verdades da Palavra de Deus. Tudo temos a agradecer”* (Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros*, p. 31).

Chamo a vossa atenção, para a última parte desta citação, em que Ellen White se refere ao povo de Deus como *“um povo forte”*, mas logo afirma que, para se ser forte, é necessário que ponhamos a nossa confiança no Senhor, porque lidamos directamente com a Palavra poderosa de Deus. Que privilégio! Que grande responsabilidade! Que isto nos leve à introspecção, de tal forma que, como membros da Igreja, sejamos conduzidos a uma verdadeira reforma.

A Igreja não é apenas uma comunidade de crentes disposta a anunciar Jesus Cristo como Senhor e Salvador, mas é o povo que está disposto a renunciar a tudo o que possa interferir na sua mais íntima e profunda relação com Deus. Um povo que crê ocupar um lugar específico no plano de Deus para levar as boas-novas da salvação ao mundo e que, para isso, está disposto a buscar, numa mais íntima relação com Cristo, a excelência da vida espiritual. Deus olha hoje para a Sua Igreja e vê-a como a última geração de testemunhas Suas para o fim da era cristã e o início de uma nova geração sem pecado, sem sofrimento e sem morte. *“A vinda do Senhor está mais próxima do que quando primeiro cremos. Que admirável pensamento é esse de que o grande conflito se aproxima do fim! Na conclusão da obra enfrentaremos perigos com os quais não sabemos como lidar; não esqueçamos, porém, que os três grandes poderes do Céu estão operando, que uma mão divina se encontra ao leme, e que Deus levará a cabo os Seus desígnios. Ele reunirá do mundo um povo que O há-de servir em justiça”* (Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 391). Esta visão dá profundidade e sentido à nossa mensagem para este tempo, provê

mais poder para a nossa missão de testemunhar a todos os homens. Olhemos para a nossa condição espiritual, sintamos que é urgente na nossa vida pessoal uma mudança completa, mas não desviemos os nossos olhos d'Aquele que é o modelo perfeito. Sem Ele não haveria reforma nem reavivamento. 

· **Jorge Machado**
Associação Ministerial



Dias Especiais e Ofertas

A B R I L

02	Sábado Mundial de Oração e Jejum
1-3	Escola de Formação para Dirigentes e Futuros Dirigentes de Jovens, Programa "Vinde Após Mim!" – Formação básica "Segue-me (1)" (Dep. Jovens)
03-09	Campanha de Solidariedade Social da ADRA
04-07	Curso de Iniciação à Colportagem (Dep. Publicações)
09	Dias de Solidariedade Social/Responsabilidade Social (Organização da ASA/ADRA)
09	Formação para o programa "Lares de Esperança e Pequenos Grupos" – RE Açores (Dep. Evangelismo; Dep. Lar e Família e ASI Portugal)
08-10	Escola de Formação para Dirigentes e Futuros Dirigentes de Jovens, Programa "Vinde Após Mim!" – Formação básica "Segue-me (2)" (Dep. Jovens)
15-17	Seminário sobre o Culto Familiar – RE Alentejo e Algarve (Dep. Lar e Família)
16	Dia da Educação
16	OFERTA para a Sessão da Assembleia Administrativa 2012 (UPASD)
22-24	Acampamentos Regionais (ACRE 2011)
30	Dia das Publicações
30	OFERTA Educação – Escolas da IASD

M A I O

01-31	Mês de sensibilização contra a droga
06-08	Encontro da Amizade (Dep. Famílias)
07	Evangelismo através do serviço à comunidade
08	Reunião com Pastores e Coordenadores do Livro Missionário por Regiões Eclesiásticas
14	Situações de Emergência/ADRA Internacional – Oferta (com envelope)
15	Encontro de Colportores RE Norte (Dep. Publicações)
21-22	Distribuição nacional do Livro Missionário
28	Jornadas da Família RE Norte (Dep. Famílias e RE Norte)
29	Encontro de Colportores RE Centro, RE Lisboa e Vale do Tejo, RE Alentejo e Algarve (Dep. Publicações)

A B R I L

M A I O



COMUNIDADE DE ORAÇÃO

28/03-01/04 – Hospital Waldfriede (EUD)	2-6 – Associação da Morávia-Silésia (CSU – União Checo-Eslovaca)
04-08 – União Italiana (IU)	
11-15 – Associação Sul Saxónia (NGU – União Norte Alemã)	9-13 – Associação da Boémia (CSU)
18-22 – Associação Alemã Berlin-Central (NGU)	16-20 – Associação Belgo-Luxemburguesa (FBU – União Franco-Belga)
25-29 – Associação Norte Renânia-Westefália (NGU)	23-27 – Associação da Suíça Franco-Italiana (SU – União Suíça)
	30/05-03/06 – Universidade Adventista de França (EUD)



Coração de Servo

Um coração de servo almejo ter,
gentil e submisso ao Teu querer.
Coração feliz por Te seguir, Senhor!
Coração tranquilo, confiante no amor!

Coração de servo que aprende a obedecer!
Coração transformado que quer renascer.
Que encontra em Ti a paz e o doce perdão!
Coração que anseia a eterna redenção.

Coração de servo, Senhor, almejo ter,
amável e humilde como o de Jesus,
que é o meu exemplo, até à rude cruz.

Coração de servo, disposto a atender
o chamado Teu, e que Teu filho quer ser.
Coração de servo, Senhor, almejo ter!

Maria Sales

ANTENA 1

RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 18h

..... ANTENA 1, a partir das 22h47

- 04/04 (2ª feira) – 1ª parte do programa
- 02/05 (2ª feira) – 1ª parte do programa
- 23/05 (2ª feira) – 1ª parte do programa

RTP2

ANTENA 1

CAMINHOS

RTP2, às 09h

ANTENA 1, a partir das 06h

03/04 – Domingo

Envie os seus textos para:

Revista Adventista (A/C Lara Varandas)

Publicadora SerVir, S.A.

Rua da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

ou para: lara.pservir@sapo.pt



Os problemas financeiros na Europa reflectem-se nas operações da Igreja

Como é que a Igreja está a lidar com a incerteza financeira na Grécia, Espanha e Portugal

Pittsburgh, Pennsylvania, EUA

Com membros desempregados e os dízimos decrescentes, a Igreja Adventista do Sétimo Dia na Europa tem lutado para lidar com a crise financeira global.

Particularmente a Grécia, a Espanha e Portugal – países nos quais a taxa de desemprego é a maior da Europa e onde a crise financeira tem sido especialmente grave – a denominação global tem sido forçada a fazer ajustes, esforçando-se por fazer o mesmo trabalho com menos recursos económicos.

A missão da Igreja Adventista na Grécia, composta por 10 igrejas, tem assistido ao impacto desta turbulência na Igreja de variadas formas. Isso inclui um decréscimo dos dízimos. Apesar destes factos, a missão atingiu o número de 570 membros, depois de 56 baptismos

no ano de 2010, na sequência de dois programas evangelísticos.

Os oficiais das União Espanhola e Portuguesa dizem estar a sofrer problemas semelhantes, que não estão limitados nem à Igreja Adventista, nem à Europa.

Juan Andres Prieto, tesoureiro da União Espanhola, declara que o que acontece na sociedade também acontece na Igreja, sendo que, numa congregação de cerca de 60 ou 70 membros, todos estão desempregados.

A União iniciou um plano de poupança, tentando conter os custos em várias áreas, para poder ajudar ou sustentar as congregações com maiores dificuldades.

Em Portugal a situação é semelhante, tendo em conta que a taxa de desemprego é superior a 10%. A Igreja tem tido



Digitaway

difficuldade em desenvolver determinadas actividades ou em promover novas congregações. O tesoureiro da União Portuguesa, Rui Dias, declarou: “A maior dificuldade tem sido apoiar as necessidades dos nossos membros [...] Estamos dependentes da bondade de Deus para nos guiar.”

Arin Gencer/ANN/RA

ADRA em Acção

ADRA avalia os danos causados pelas piores cheias em décadas, no Brasil e na Austrália

Rio de Janeiro, Brasil

Os Adventistas do Sétimo Dia estão entre aqueles que ofereceram ajuda depois da forte chuva que devastou a região do sudeste do Brasil.

A zona mais afectada foram as encostas da região norte do Rio de Janeiro, onde a subida das águas e os subsequentes desabamentos de terras desenraizaram casas e tiraram a vida a 700 pessoas.

Os Adventistas da região distribuíram comida e produtos de higiene pessoal para ajudarem 100 000 pessoas que ficaram desalojadas durante as cheias.

Os meios multimédia Adventistas, no Brasil, estão a ajudar as vítimas das cheias sensibilizando a restante população brasileira para colaborarem com a ADRA no Rio de Janeiro, para apoiarem financeiramente as vítimas ou a darem sangue, sobretudo na região de Teresópolis.

O presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, Erton Kohler, agradeceu publicamente aos membros da Igreja pela sua “solidariedade e orações” e felicitou a rápida disponibilidade da Igreja para responder ao apelo de socorro.

O IPAE – Colégio Adventista em Petrópolis não sofreu qualquer dano ou perda nestas cheias, mas está a servir de ponto de apoio para os membros da Igreja e voluntários que estão a ajudar as vítimas.

Entretanto, na Austrália oriental, a ADRA está a trabalhar em parceria com



AVN

o governo de Queensland para oferecer ajuda na sequência das piores cheias da região em décadas.

A empresa adventista de alimentos naturais – Sanitarium – está a distribuir alimentos às centenas de desalojados pelas cheias.

Estes desastres requerem uma resposta a longo prazo da comunidade adventista local e mundial.

Felipe Lemos/ANN/RA

Legislação "histórica" é aprovada

A lei reconhece o pluralismo religioso; todas as denominações devem usufruir dos mesmos "direitos, obrigações e benefícios"

Silver Spring, Maryland, EUA

Membros do parlamento peruano votaram e aprovaram, em Dezembro de 2010, a legislação que garante a liberdade religiosa para todos os cidadãos, uma liberdade já reconhecida pela Constituição deste país sul-americano.

Este decreto surgiu um ano depois de mais de 40 000 peruanos se terem reunido na capital do país, Lima, para um festival que apoiava a florescente liberdade religiosa.

A lei garante o exercício livre, público e privado, da religião, excepto quando tal expressão infringe a liberdade ou os direitos fundamentais dos outros, ou onde a ordem ou o bem-estar públicos sejam ameaçados.

Especificamente, o decreto protege as convicções religiosas dos estudantes e requer às instituições estatais de educação que respeitem essas convicções, assegurando que a prática da fé por um estudante não prejudique as suas notas escolares, afirmou Edgardo Muguerza Florián, que dirige o Departamento de Relações Públicas e Liberdade Religiosa da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Peru.

Também proíbe qualquer "acção ou omissão" discriminatória contra uma pessoa por causa da sua crença religiosa, e reconhece o pluralismo religioso, assegurando que todas as denominações desfrutem dos mesmos "direitos, obrigações e benefícios".

Os representantes da Igreja Adventista têm trabalhado durante mais de uma década por uma protecção da liberdade religiosa mais abrangente no Peru, reunindo-se com os oficiais do governo e representantes religiosos do país.

"Estamos muito satisfeitos por ver que o nosso trabalho pode ter tido um papel na aprovação histórica desta lei", disse John Graz, director do Departa-



mento de Relações Públicas e Liberdade Religiosa da Igreja.

Graz disse que esta legislação é um testemunho dos esforços de todos os defensores da liberdade religiosa no Peru. O movimento de liberdade religiosa neste país tem uma longa história, fazendo da contínua protecção da liberdade religiosa um importante investimento deste país.

Gabriel E. Maurer/DEA

Divisão Euro-Africana

Mudando com o Mundo

Esta divisão, a nossa, tem actualmente 172 247 membros, distribuídos por 12 Uniões, incluindo 28 países (que falam mais de 33 línguas/dialectos).

O Projecto do Livro Missionário foi uma grande experiência desta divisão. Na Bulgária, foram distribuídos mais de 500 mil exemplares do livro *Caminho a Cristo*. Na Alemanha, os irmãos distribuíram cerca de 450 mil exemplares do mesmo livro. A Espanha começou esse projecto em 2009 com a meta de distribuição de 100 mil livros. Portugal pensava iniciar o seu projecto com a distribuição de 300 000 livros, mas foram conseguidos mais de 700 mil exemplares, pedidos pelos membros das igrejas!

A Roménia iniciou o seu projecto em 2006, e, em 2009, chegaram a 2 730 000 de livros distribuídos. Um dedicado membro na Roménia comprou e distribuiu quase 100 mil livros.

Existe ainda um projecto de uma nova tradução da Série Conflito dos Séculos, de Ellen G. White, que será realizado, em cooperação, pelas Uniões da Suíça e da Áustria. A história mais interessante ligada a este projecto aconteceu quando um menino de 12 anos ouviu falar deste projecto e se sentiu movido pelo Espírito Santo a colaborar com as suas poupanças, destinadas a comprar equipamento de *snowboard*. A sua oferta rendeu cerca de 100 dólares. Seguindo este exemplo, outros membros da igreja doaram ofertas tão generosas que ajudaram a financiar não só este projecto como outros que necessitavam de apoio financeiro.

"O trabalho dos nossos colportores-evangelistas é vital para a distribuição da literatura na Europa. Em Julho de 2005, havia na Divisão Euro-Africana 555 colportores activos – 270 efecti-

vos, 256 ocasionais e 29 estudantes. Em Novembro de 2009, esse número passou a ser de 621 colportores activos – 185 efectivos, 300 ocasionais e 136 estudantes. [...] Temos grandes perspectivas para o futuro. Ao partilharmos as boas-novas do retorno do Senhor em breve por meio da literatura, queremos espalhar a página impressa como 'folhas de outono' (adaptado da *Revista Colportor-Evangelista*, p. 11).

Os colportores são formados para atingir novos níveis de eficiência, porque precisam de estar preparados para enfrentar as mudanças permanentes da nossa sociedade. Mas temos que os apoiar enquanto Igreja mundial, seja através da oração ou de ofertas, para que todos juntos possamos participar nestes projectos missionários e dar a conhecer a Palavra de Deus que salvará os homens que a aceitarem.

Adaptado da *Revista Colportor-Evangelista*, pp. 10, 11.

“Que Farei, Então, de Jesus?”

Ele não merecia essa cruz. Nunca fez nada que merecesse tal condenação. Essa cruz era minha

Julián tinha sida. Tinha-o descoberto naquele dia e ainda estava sob o impacto da cruel notícia. Apesar do seu desespero, aceitava inconscientemente a ideia de que o drama por que estava a passar era o resultado da vida de pecado que tinha vivido. No entanto, o que mais o atormentava não era o aspecto físico do seu mal, mas o peso da culpa. Por isso me procurou. Com os olhos cheios de lágrimas e a voz embargada pelo peso da vergonha, Julián repetia: “Sou um pecador, mereço morrer.” Quando lhe falei do amor de Deus e da salvação em Jesus Cristo, respondeu-me: “Deus pode perdoar-me, mas eu não. Mereço morrer.”

Em diferentes países, culturas e épocas, a expressão “não me perdoo” é repetida por pessoas desesperadas e atormentadas pelos erros do passado. Essas pessoas crucificam-se a si mesmas todos os dias, no madeiro da sua própria consciência. Acreditam que essa é a única saída. Não compreendem o que aconteceu naquela Sexta-feira à tarde na cruz do Calvário. Ignoram que, naquela montanha solitária, se assinou, com sangue, o decreto de absolvição de todos os pecadores. Jesus não foi um louco suicida, nem um revolucionário social que morreu na cruz para defender uma ideia. Ele era Deus feito homem e entregou-Se a Si mesmo para ocupar o lugar da humanidade caída.

Barrabás

O maravilhoso acto salvador de Cristo foi ilustrado de maneira prática na experiência de Barrabás naquela Sexta-feira da semana da crucificação. Barrabás era um ladrão, transgressor da lei e perseguido pela justiça. Com o argumento de que os seus propósitos eram sociais, vivia uma vida de crimes e violência. A sociedade odiava-o e queria vê-lo morto. Pessoas como ele não tinham lugar em nenhuma sociedade civilizada. Era um delinquente e merecia morrer.

Poucos dias antes daquela semana trágica, Barrabás tinha sido condenado à crucificação. A morte na cruz, naqueles tempos, era reservada para os piores delinquentes. Era uma morte sanguinária e cruel, planeada com frieza e espírito de vingança. Ninguém morre por lhe cravarem as mãos e os pés, pois não são órgãos vitais. A crucificação era executada especificamente para fazer sofrer o condenado. Pendurado na cruz, sangrando, o réu era queimado pelo sol durante o dia e, durante a noite, o vento gelado castigava o seu corpo seminu, como se fosse um chicote.

Dependendo da sua resistência física, o condenado podia sobreviver vários dias. A lei não permitia que se lhe desse comida nem água. Só podia receber um pouco de vinagre numa estopa, e o corpo só podia ser retirado da cruz quando as autoridades certificassem que estava morto.

“E respondendo o presidente, disse-lhes: Qual desses dois quereis vós que eu solte? E eles disseram: Barrabás. Disse-lhes Pilatos:

Nalguns momentos de sofrimento extremo, o condenado suplicava pela morte. Barrabás tinha sido condenado a esse tipo de morte. A sua vida de delito não merecia outra coisa. Ele estava consciente disso, e, mesmo tendo protestado e gritado, no fundo sabia que a morte era um castigo justo para si.

No entanto, naquela Sexta-feira de manhã, em Jerusalém, também foi condenado a essa morte cruel um homem inocente, que não tinha feito mal a ninguém. O Seu nome era Jesus de Nazaré e muitos diziam que Ele era o Messias. A história bíblica diz que Pilatos tentou salvá-l'O da fúria das pessoas. Em ocasiões como aquela, o costume do povo era soltar um preso e Pilatos pensou que, se colocasse Jesus e Barrabás diante da multidão, todos escolheriam libertar Jesus. Afinal, Ele não tinha cometido nenhum delito. Só tinha curado os enfermos, alimentado os famintos e devolvido a dignidade aos humilhados. Quem é que seria capaz de O condenar por isso? Barrabás, ao seu lado, era temido e odiado. Não havia dúvida de que o povo libertaria Jesus e crucificaria Barrabás.

Mas a decisão do povo desconcertou Pilatos. “Solta Barrabás, crucifica Cristo.” Essa foi a resposta da





Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo? Disseram-lhe todos: Seja crucificado.” (Mat. 27:21-22)

multidão. O governador não podia acreditar, mas não tinha outro recurso senão condenar Jesus à morte. Acredito que, se alguém, neste mundo, compreendeu de maneira prática o que quer dizer “Jesus morreu por mim”, esse alguém foi Barrabás. No princípio, pensou que talvez estivesse a sonhar. “Como? Eu que fiz tanto mal estou livre, e este humilde carpinteiro, que não fez mal nenhum, vai ocupar o meu lugar? Porquê?”

Porquê?

Barrabás não percebeu e talvez nós tenhamos dificuldades em compreender. Porque é que Jesus morreu? Ele não tinha feito nada que merecesse a morte. O que é que O levou a entregar-Se em silêncio? O amor. Somente o amor. Amor por quem? Por aquela multidão que O estava a crucificar, pelos soldados que O estavam a ferir e pelos líderes religiosos que O estavam a condenar. O ser humano jamais poderá compreender o mistério desse amor.

Quem devia ter subido ao Calvário, carregando uma cruz sangrenta, naquela tarde dolorosa, seríamos eu e tu, porque fomos nós que pecámos e estamos “destituídos da glória de Deus” (Rom. 3:23). Nós é que mere-

cíamos morrer, porque “o salário do pecado é a morte” (Rom. 6:23). Mas o Senhor ama-nos tanto que decidiu ocupar o nosso lugar e morrer a morte que merecíamos, a fim de nos dar a vida que só Ele merecia.

Desafio-te, neste momento, a dirigires-te comigo ao Calvário e a observar aquele acto de sacrifício. Olha para Jesus humilhado, triste e escarnecido; os espinhos ferem a Sua fronte. Observa-O debilitado, carregando uma pesada cruz. Vê como cai uma e outra vez. Sabes porque é que cai? Porque a cruz que carrega não Lhe pertence. Ele não merecia essa cruz. Nunca fez nada que merecesse tal condenação. Essa cruz era minha. Era eu que devia ter sido açoitado, menosprezado e escarnecido. Mas Ele ama-me com um amor sem fim, e, apesar do Seu instinto de preservação O fazer rejeitar a morte, Ele aceitou-a voluntariamente, porque era a única forma de me salvar. Por isso, quando, nas horas de solidão e culpa, a consciência te condenar por algum erro do passado, dirige os teus olhos para a cruz e pergunta a ti mesmo: *Que necessidade tinha Jesus de morrer, se não fosse o desejo de ver-me feliz e livre do peso da culpa?*

Continua a acompanhar-me. Observa como já é tarde no Calvário, naquela Sexta-feira. Há nuvens escuras no céu. O sol esconde o seu rosto como se tivesse vergonha de olhar a infâmia dos homens. Chove. É um dilúvio de lágrimas de um Pai que não pode fazer nada para evitar o sofrimento do Seu Unigénito, porque é necessário que Ele morra para salvar os Seus outros filhos caídos. Olha à tua volta. Vês como as aves voam enlouquecidas de um lado para o outro? Vês como os animais se agitam e a Natureza geme? Todos parecem saber o que está a acontecer. Só o ser humano, a mais inteligente das criaturas, permanece indiferente. Dá a impressão de que ignora que, nesse momento, está em jogo a sua vida ou a sua morte eterna.

À sexta hora de Sexta-feira, o céu rasgou-se com as últimas palavras

de Jesus: “Está consumado.” Tudo o que era necessário fazer para te salvar já foi feito. O preço já foi pago. A vida do inocente Cordeiro de Deus já foi sacrificada. O Seu sangue já transformou aquela cruz, símbolo de vergonha e morte, num manancial de inesgotável graça.

Qual será a nossa resposta?

Que direito tens então de dizer que não te perdoas? Sofreste algum dano? Cuspiram-te, humilharam-te e crucificaram-te? O único que podia dizer-te “não te perdoo”, é Jesus. Ele sim sofreu, gemeu e foi humilhado. Ele pagou o preço da tua salvação com a Sua própria vida, e, apesar disso, ouve a Sua voz suave e doce a dizer: “Eu não te condeno, vai e não peques mais.”

Qual será a tua resposta? A resposta de Judas foi o suicídio. A de Pedro, o arrependimento. Pecado por pecado, o de Pedro podia ser considerado mais grave. Afinal, o orgulho e a auto-suficiência são a raiz de todos os males. Mas Pedro caiu de joelhos quando percebeu o seu pecado. O cantar do galo acordou-o do sono espiritual na madrugada daquela Sexta-feira. Ele compreendeu a magnitude da sua traição, mas acreditou no sacrifício substitutivo do seu Mestre. Disse sim ao amor de Cristo e foi salvo.

Por seu lado, Judas endureceu-se ao toque do amor. Em vez de contemplar Cristo, concentrou a sua atenção no seu pecado. Em vez de sentir dor por ter ferido o coração de Jesus, sentiu desespero pelas consequências da sua traição. O resultado foi a morte e a condenação eternas.

Judas e Pedro já passaram à história. Tu vives no presente. A história já está escrita; não se pode mudar. A vida deve ser vivida cada dia, cada segundo, com decisões e indecisões.

Qual será a tua resposta? 🌿

Alejandro Bullón
Pastor, Conferencista
internacional e autor

ESQUELETOS

O Que Fazer Quando Faltam as Respostas?

Há muitos anos, fiz uma apresentação sobre a ciência das origens numa igreja. Foi uma sessão interessante e, no final, alguns jovens vieram colocar algumas questões.

Um deles tinha perguntas muito concretas sobre os fósseis supostamente humanos e como se poderiam entender à luz do relato bíblico e de uma cronologia coerente com a Palavra de Deus.

Tenho de confessar que, nessa altura, não tinha resposta para algumas das perguntas.

O que fazer?

Por vezes, temos a sensação de que só temos duas opções, igualmente más: 1) Ir contra as evidências e aceitar a Palavra de Deus ou 2) aceitar as ideias prevalentes da Ciência e renegar a Bíblia.

Não cedamos à tentação da segunda resposta, aparentemente mais fácil, mas que não nos leva a nenhum lugar de interesse.

Apenas há uma coisa a fazer nestes casos. Admitir que não temos

É nossa convicção profunda de que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos temos pretendido fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção.

Em particular, nesta mini-série de quatro artigos, vamos explorar como as descobertas e avanços científicos relativos aos fósseis dos chamados Homínídeos, servem para reforçar a nossa fé na Palavra de Deus, ao contrário do que costuma ser afirmado.

resposta ainda. Admitamos a nossa ignorância. Que, em alguns casos, podemos nem sequer saber o que não sabemos.¹ Depois, com tempo, há que procurar a resposta. E, graças a Deus, até hoje ainda não me faltaram respostas para os temas essenciais.

A resposta, naquele caso, veio muito rapidamente, através de um livro a que tive acesso.² Ao longo dos anos, a resposta foi-se completando e, finalmente, há algumas semanas descobri uma nova edição do mesmo livro, completamente rescrito e atualizado!³

Foi esse facto que me fez escolher este tema para o artigo deste mês. O meu objectivo é partilhar com o leitor um conjunto de respostas extraordinárias para perguntas comuns sobre a evolução da espécie humana.

Hoje, olhando para trás, posso afirmar que, em vez de uma área em que existem dúvidas e que foi uma ameaça à minha fé, o tema dos fósseis (aleadamente) humanos é para mim uma das maiores evidências da falsidade da teoria da evolução e de tudo o que ela implica.

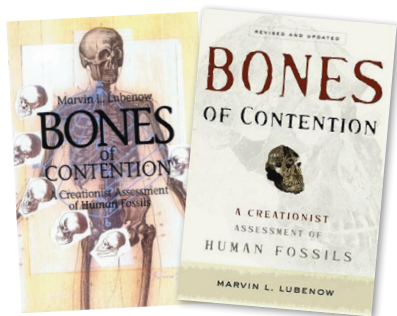
Esperamos conseguir convencer os leitores do mesmo, com as informações e evidências que apresentamos ao longo desta série de quatro artigos.

As “Perguntas Que Não Querem Calar”

As perguntas que me fizeram naquele dia são ainda hoje completamente válidas: Como explicar os fósseis aparentemente intermediários entre os primatas e os humanos? Como explicar as datações de milhares de milhões de anos apresentadas? Como entender as imagens de macacos com comportamento humano?

A percepção sobre o tema da evolução da espécie humana, transmitida pelos meios de comunicação e pelos livros de divulgação científica, não mudou em absolutamente nada.

Vamos analisar algumas ideias populares, mas erradas, sobre o tema e compará-las com a realidade. No artigo anterior já demonstrámos como os Paleoantropólogos fazem um uso extremamente selectivo dos fósseis



no Armário

parte 2

A verdadeira história dos nossos antepassados

humanos, criando uma percepção errada de escassez de fósseis.

Este mês, iremos apresentar mais evidências surpreendentes de como a existência de uma progressão no registo fóssil está longe de ser uma evidência científica demonstrada, sendo, em vez disso, uma interpretação questionável das descobertas realizadas.

A Ordem Existe no Olhar do Observador⁴

O Professor Lubenow – autor dos livros já referidos sobre os alegados fósseis de Hominídeos – conta a experiência de como, numa aula a que ele assistiu, o seu Professor realizou uma experiência que pretendia demonstrar como são construídas as árvores evolutivas da espécie humana.

O Professor forneceu aos alunos um conjunto com cerca de 150 pedaços de materiais variados: pregos, parafusos, piones, clips para papel, etc..

Juntamente com a distribuição dos materiais, forneceu as instruções para o exercício, que eram as seguintes: “Organizar estes materiais numa ordem”, utilizando princípios como “do menor para o maior”, “simples para complexo”, “de uso geral *versus* de uso especializado”.

Apesar das séries evolucionárias serem diferentes para cada grupo de alunos, existia no final uma semelhança muito grande entre os resultados. Ou seja, as árvores evolutivas que passaram a relacionar estes materiais eram bastante semelhantes.

O Professor Lubenow explica que, realmente, esse é o resultado esperado.

Mas o que é surpreendente neste exemplo, é que ele realmente contradiz a premissa que pretendia demonstrar.

Estas supostas sequências evolucionárias têm uma lógica intrínseca muito forte, mas que nada tem que ver com a realidade. Ou seja, aqueles objectos não surgiram realmente através de qualquer processo evolutivo. Eles simplesmente foram escolhidos de forma aleatória e, apesar de poder haver algum relacionamento entre alguns dos materiais, isso não é verdade para a esmagadora maioria.

Ou seja, esta experiência demonstra exactamente o contrário do que aquele professor pretendia demonstrar. Ela demonstra que é possível organizar qualquer conjunto de materiais numa ordem supostamente evolucionária, mesmo que isso não tenha nada que ver com a verdadeira origem daqueles objectos.

Ícones da Evolução⁵

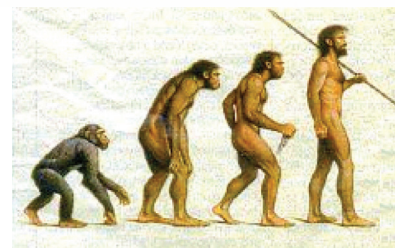
Esse é, provavelmente, o caso também da alegada sequência evolucionária dos fósseis dos Hominídeos. São organizados de acordo com uma certa lógica, mas essa lógica não tem necessariamente correspondência com qualquer verdade acerca da origem daqueles fósseis.

Ou seja, o facto de podermos criar uma sequência com um con-

junto de materiais ou um conjunto de fósseis não é garantia suficiente de que essa sequência corresponde a algo real.

Esta ideia de sequência foi fundamental para o estabelecimento do conceito da evolução no público em geral.

Imagens como a que replicamos abaixo, fazem parte do imaginário colectivo, apesar de ela não representar de forma alguma a sequência que os cientistas pensam ter ocorrido.



A célebre expressão de que “o homem veio do macaco” não corresponde hoje a nenhuma das teorias da evolução dos hominídeos. O que se afirma actualmente é que, algures na árvore da evolução, o homem e o “macaco” tiveram um ancestral comum.

Conta-se que o Paleontólogo, já falecido, Stephen J. Gould ficou escandalizado quando, numa das edições dos seus livros num país asiático, o editor escolheu para a capa exactamente esta imagem, quando todo o argumento do livro era demonstrar que essa progressão lenta e inexorável de macaco para homem não aconteceu.

No entanto, o mito cultural prevalece. Jonathan Wells, que escreveu o livro intitulado *Ícones da Evolução*, identificou vários destes ícones culturais. Nas suas palavras: “Estes exemplos são utilizados tão frequentemente como evidência para a Teoria de Darwin que a maioria deles foi apelida de *Ícones da Evolução*. No entanto, todos eles, de uma forma ou de outra, não são uma representação correcta da realidade.”⁶

Outros exemplos identificados por este autor, que, apesar de terem sido descartados cientificamente, continuam a ser utilizados nos materiais de divulgação como evidências da evolução e que, por isso, são irrelevantes para este debate, são:⁷

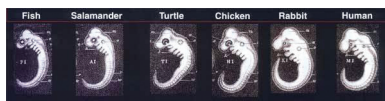
- A experiência de Urey e Miller, realizada em 1953 e que alegadamente teria demonstrado a credibilidade da teoria da geração espontânea da vida. No entanto, mais de 50 anos passados, não foram realizados mais progressos e, apesar de a experiência ser irrelevante para o debate científico sobre o tema, continua a ser apresentada vulgarmente como um marco importante no estabelecimento da possibilidade da origem da vida de forma não dirigida.



- A árvore da evolução que teria sido construída a partir das evidências fósseis encontradas, quando, na verdade, essa “árvore” é algo que está longe de ser estabelecido e de ser aceite. Ela não corresponde realmente às

evidências encontradas, falando-se hoje de outras topologias. Mas, mesmo assim, continua a ser utilizada de forma corriqueira nos materiais de divulgação científica.

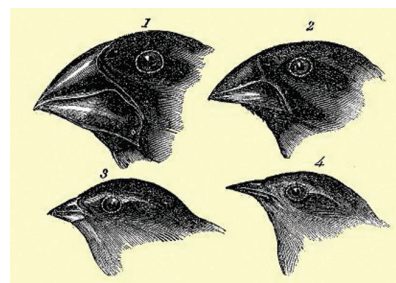
- A existência de estruturas ósseas semelhantes nas asas dos morcegos, nas barbatanas dos golfinhos, nas patas dos cavalos e na mão humana demonstraria a sua origem comum.



- As semelhanças entre os estágios iniciais da gestação dos embriões humanos e os fetos de anfíbios e pássaros demonstraria as suas origens comuns.
- O *Archaeopteryx*, o fóssil de um pássaro com dentes e garras nas patas seria o elo de ligação que faltava entre os répteis antigos e os pássaros modernos.
- As traças coloridas, cuja cor ou camuflagem, ao determinar quais seriam mais comidas pelos pássaros, ilustraria de forma exemplar o princípio da selecção natural.



- Os tentilhões das Ilhas Galápagos, que demonstrariam como a evolução funcionou entre ilhas diferentes, criando cerca de 15 espécies diferentes, cada uma



com o seu tipo de bico, especialmente adaptado ao seu ambiente. Após análise dos factos, não só se conclui que a sua observação não teve qualquer papel na formulação da Teoria de Darwin como está hoje explicado que há no máximo seis espécies diferentes, e que a morfologia dos bicos realmente adapta-se, mas não pelo mecanismo da evolução e sim por simples mecanismos biológicos que estão a ser estudados e que, provavelmente, vão levar a que toda a Teoria da Evolução seja rescrita e reformulada nas próximas décadas. Apesar disso, continuam a ser apresentados como uma prova evidente de como funciona a Evolução.

Os ícones culturais têm morte muito difícil.

Ainda Não Vimos Nada

Outro aspecto que não ajuda a esclarecer este campo de investigação é o extremo sentido de posse e a quantidade muito limitada de fósseis disponíveis para estudar.

No mês passado, vimos como, apesar de existir uma grande quantidade de fósseis candidatos a fazerem parte da linhagem humana, apenas uma muito pequena minoria é efectivamente utilizada como evidência e estudada.

Vimos que este facto se deve realmente à auto-restricção do campo de pesquisas àqueles fósseis que parecem suportar a teoria vigente, em vez de tomar a totalidade dos fósseis existentes e verificar que tipo de teoria ou interpretação mais se adequa ao que se observa.

Além da quantidade de fósseis que são estudados ser muito pequena, existe ainda o extremo sentido de posse em relação aos mesmos. Alguns destes fósseis são considerados relíquias nacionais nos países em que foram descobertos e, noutros casos, os cientistas que os descobriram ou que os possuem não dão facilmente acesso aos mesmos.

Na verdade, é muito provável que nem uma foto de um fóssil verdadeiro tenhamos visto. É mais natural que tenhamos apenas visto fotos de cópias em resina ou materiais semelhantes que são feitas com base em moldes.

“Mostra-me os teus fósseis, que eu mostro-te os meus”

Porque é que isto é importante? Porque, num mundo em que a quantidade de material disponível para estudar é ínfima e, além disso, os poucos materiais têm acesso restringido, tipicamente apenas uma pequena minoria tem possibilidade de realmente publicar e trabalhar nessa área.

Esta situação presta-se, de forma lamentável, a que as evidências sejam manipuladas, as interpretações particulares de cada um sejam inatacáveis e que se continuem a cometer erros grosseiros, como no passado.

Um exemplo muito pungente é o do crânio de Taung,⁸ descoberto na África do Sul, nos anos 20 do século XX. Trata-se do crânio de uma criança que foi classificada como *Australopithecus Africanus*, fazendo assim orgulhosamente parte da alegada linhagem de Hominídeos que teriam desembocado no homem moderno.

O problema deu-se quando, algumas décadas depois, à medida que foram feitas outras descobertas e que os métodos de datação foram evoluindo, ficou evidente que essa classificação não era consistente e que não se conseguia inserir este fóssil na teoria da época.

Perante estes factos, veio a revelação surpreendente de Phillip

Tobias (na imagem com o crânio de Taung) – um eminente Paleontólogo sul-africano, um dos cientistas que teria estudado o fóssil.



Ele afirmou num artigo na prestigiada revista Nature:⁹ *“Apesar de terem transcorrido mais de 50 anos desde a sua descoberta, é correcto afirmar-se que o crânio de Taung nunca foi analisado e descrito de forma completa.”*

Ou seja, nem o descobridor do fóssil nos anos 20, nem Tobias, que foi o guardião do mesmo por décadas, nem nenhum dos seus sucessores, tinha realmente estudado o fóssil. Ela encaixava bem nas ideias pré-concebidas e isso era aparentemente o suficiente.

Isto só é possível porque o acesso aos fósseis é extremamente limitado, especialmente para aqueles que parecem ter uma opinião diferente sobre a importância ou a relevância daquele fóssil em particular, criando-se assim um sistema que atrasa o reconhecimento de conclusões erradas e não beneficia o debate científico.

Neste caso, o público foi enganado durante mais de cinquenta anos, pensando que realmente a Ciência tinha provado, de forma definitiva, que aquele era comprovadamente um ancestral da espécie humana.

Outro exemplo do prejuízo da falta de acesso aos fósseis originais, e um dos casos mais polémicos na história da descoberta dos nossos alegados antepassados, foi a fraude do *“Homem de Piltdown”*.

No caso deste fóssil, Louis Leakey¹⁰ descreve como tentou várias vezes ter acesso aos fósseis originais no Museu Britânico, mas como em todas as visitas apenas lhe permi-

tiram estar com os originais alguns momentos, sendo-lhe dados moldes para estudar.¹¹

Este facto atrasou a descoberta de uma das maiores fraudes da história desta Ciência, uma vez que os moldes não replicavam com exactidão algumas marcas que desmascaravam a fraude.

O (Falso) Homem de Piltdown

A 18 de Dezembro de 1912, um dia infame para a história da Paleontologia, Arthur Woodward e Charles Dawson anunciaram a sua descoberta de provas inegáveis da ligação do homem com o macaco na sua linhagem.

Esta prova consistia num crânio, descoberto na cidade de Piltdown, próximo de Londres que possuía simultaneamente características simiescas ao nível do maxilar e humanas no resto do crânio.



Na verdade, tratava-se de uma fraude bastante evidente de composição de um crânio humano com um maxilar de orangotango. No entanto, praticamente toda a comunidade científica foi convencida e aceitou esta descoberta sem grande questionamento.

Era extremamente conveniente. Exactamente o que se estava à espera que aparecesse, no local exacto e no momento certo...

As poucas vozes que questionaram aspectos menos claros do fóssil foram silenciadas no ano seguinte, quando Teilhard de Chardin¹² – um jovem padre que viria a tornar-se famoso – anunciou a descoberta de

um dente no mesmo local onde o crânio tinha supostamente sido encontrado.

Permanece um mistério: Saber quem terá perpetrado esta fraude. Pelo menos doze pessoas são suspeitas e foram acusadas de o ter feito.

Mas, independentemente de quem o fez, a Ciência deveria rapidamente ter reconhecido o erro e tê-lo corrigido; na verdade, foi preciso esperar cerca de 40 anos, até que fosse reconhecido que aquele fóssil era realmente uma fraude.

Carreiras científicas foram construídas sobre esta fraude. Diz-se que mais de 500 dissertações para obtenção do grau de Doutoramento foram escritas sobre este fóssil.¹³

Perdendo a Fé... Por um Macaco?...

Tudo isto seria apenas uma curiosidade da história científica e tema de conversa, se não tivesse implicações profundas para aquilo em que as pessoas acreditam. Como mencionei no início, também eu fui confrontado e tive de encontrar respostas para questões relativas a este tema.

Um exemplo notável de um cientista que perdeu a sua fé devido a este fóssil foi Arthur Keith.



Este médico escreveu, entre outros, o livro *Da Antiguidade do Homem*,¹⁴ que é um livro centrado no fóssil do Homem de Piltdown.

Ele afirma que, por várias vezes, esteve no limiar da conversão após assistir a reuniões evangelísticas, mas rejeitou o Evangelho por considerar que o relato da Criação não era mais do que um mito e seria irreconciliável com a Ciência que ele conhecia, e que era em grande medida baseada na fraude do Homem de Piltdown. Hoje sabemos isso, mas Arthur não tinha como saber.¹⁵

Foi já com 86 anos que lhe foram comunicadas as novas de que as provas que o tinham levado a rejeitar Deus eram, em grande medida, uma fabricação humana, uma fraude descarada.

A Ciência que, quando praticada de forma isenta, é um verdadeiro “farol” que ilumina a Palavra de Deus, no mundo moderno, pela forma selectiva como é apresentada, leva pessoas a perder a fé, ou até a nem sequer considerar a opção de aceitar a Palavra de Deus.

Durante muitos anos, o Homem de Piltdown foi o elo que faltava na suposta cadeia evolucionária da espécie humana. Quantos crentes sinceros na Palavra de Deus terão tido problemas devido a esta fraude? Quantos mais poderão ter perdido a sua fé por causa dela?

Trata-se de uma história cheia de significado para nos fazer reflectir onde devemos colocar a nossa fé. ♡

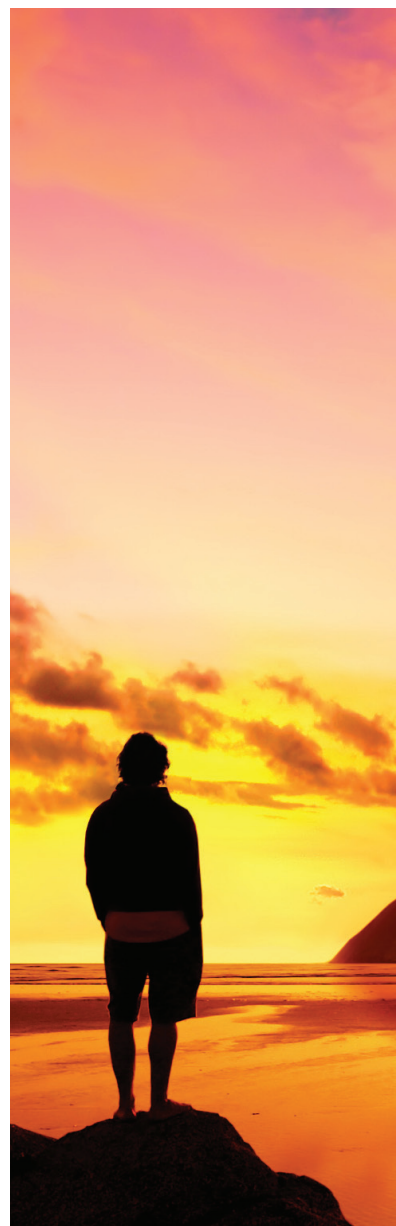
• Miguel Mateus

Engenheiro em Electrotecnia –
Telecomunicações e Electrónica
Mestre em Investigação Operacional
Grau de MBA – Master in Business and
Administration

Referências

1. Pedimos desculpa pelo trocadilho, mas considero que “ter a noção da real dimensão da nossa ignorância” é uma qualidade rara, porém muito importante e que nos pode fazer evitar assumir posições das quais, porventura, poderemos arrepender-nos mais tarde.
2. *Bones of Contention – A Creationist Assessment of Human Fossils*, em Português seria *Os Ossos da Discórdia – Uma Investigação Criacionista dos Fósseis Humanos*, Martin Lubenow, 1992, Baker Books.
3. *Op. Cit.*, excepto: 2004, Baker Books.
4. Baseado em *Op. Cit.*, Lubenow, 2004, pp. 35 e seguintes.

5. Título inspirado no livro *Icons of Evolution*, Jonathan Wells, 2002, citado mais adiante.
6. *Op. Cit.*, Wells, 2002, p. 7.
7. *Op. Cit.*, Wells, 2002, p. 6.
8. Baseado em Lubenow, 2004, pp. 64 e seguintes.
9. *Nature*, nr. 246, 9 de Novembro de 1973, p. 82, Implications of the New Age Estimates of The Early South African Hominids, citado em Lubenow, 1994, pp. 65 e 358.
10. Um dos mais conhecidos e respeitados paleoantropólogos, que faleceu em 1973.
11. Citado em Lubenow, 2004, p. 27.
12. Teilhard de Chardin ficou célebre pela sua ligação com este fóssil e com o fóssil do Homem de Pequim, e viria a ser o pai de uma teoria evolucionária panteísta (citado em Lubenow, 2004, p. 56).
13. Citado em Lubenow, 2004, p. 59.
14. Arthur Keith, *The Antiquity of Man*, 1915.
15. Citado em Lubenow, 2004, p. 59.



Um Grito de Angústia

Porque é que Jesus sofreu? E o que é que isso significa para si?

Nunca reparou na calma das orações de Cristo? “Pai, é chegada a hora; glorifica a Teu Filho, para que também o Teu Filho Te glorifique a Ti” (João 17:1). “Pai, aqueles que Me deste, quero que, onde Eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a Minha glória que Me deste; porque Tu Me hás amado antes da fundação do mundo” (v. 24). Cristo disse: “Por isto o Pai Me ama, porque dou a Minha vida” (João 10:17). Absorto nos Seus pensamentos, Jesus atravessou o vale de Cedron,

entrou no Getsémani (João 18:1), e uma mudança de humor entrou nas Suas súplicas.

As orações de Cristo no Getsémani e no Calvário foram completamente diferentes das iniciais. Depois de dizer aos Seus discípulos que a Sua “alma está profundamente triste, até à morte”, Ele caiu por terra (Mar. 14:34, 35). A Sua agonia era tão grande, que orou: “*Abba*, Pai, todas as coisas Te são possíveis; afasta de Mim este cálix; não seja, porém, o que Eu quero, mas o que Tu queres” (ver Mar. 14:36).

A palavra *Abba* revela a Sua relação íntima com Deus,¹ a Sua afeição por Deus.² Três vezes Ele tentou evitar a Sua missão (Mar. 14:34-41), mas todas as vezes Ele Se rendeu, dizendo: “Não seja como Eu quero, mas como Tu queres” (Mat. 26:39, 42, 44).

Cristo veio à Terra para cumprir a vontade do Pai (Heb. 10:5-7), mas a agonia no Getsémani fê-l'O tremer perto da meta. Um anjo veio do Céu para O fortalecer, contudo “posto em agonia, orava mais intensamente. E o Seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão” (Luc. 22:44).

A intensidade da Sua dor

Alguns da Sua nação tinham entregado Cristo aos Romanos. Judas tinha-O traído. Pedro negou-O. Todos os Seus discípulos O abandonaram quando mais deles precisava. Tudo isso Ele pôde suportar. Mas quando pareceu que também Deus O tinha abandonado, o Seu coração partiu-se. Jesus gritou: “Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?” (Mat. 27:46).

Foi um grito de angústia, articulado por lábios trémulos e por um coração partido, enquanto estava pendurado na cruz. Este foi o terrível preço da nossa redenção, um preço que nunca poderíamos pagar e que nunca poderemos compreender, mesmo por toda a eternidade.

A palavra “gritou” (Grego: *anabao*) é usada somente neste versículo em todo o Novo Testamento. É um verbo forte e define uma emoção ou apelo poderosos a Deus. Sugere um grito de agonia, saído de um profundo sentimento de alienação, ao Jesus ter sofrido como um “resgate” pela Humanidade (ver Mat. 20:28). Nos Evangelhos Sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) este é o único momento em que Jesus Se refere a Deus sem chamá-l'O “Pai”.³

Paulo diz que aqueles que receberam “o espírito de adopção de filhos [*huiiothesias*]” clamam (*krazomen*) “*Abba*, Pai” (Rom. 8:15; cf. Gál. 4:6). Contudo, ninguém poderia estar melhor qualificado do que o Filho de Deus para Se dirigir a Deus como “*Abba*” ou “Pai”. *Abba* é a palavra aramaica para Deus, um termo íntimo como “papá”. Nos Evangelhos, Jesus, como Filho do homem, falou do e orou ao Seu Pai, e ensinou os Seus seguidores a orarem “Pai nosso que estás nos céus” (Mat. 6:9). Então, por que razão Jesus clamou na cruz “Deus meu” em vez de “*Abba*” ou “Pai”?

Nada pode separar uma pessoa de Deus (Rom. 8:35-39), excepto o pecado (Isa. 59:2); o que significa que Cristo sentiu a separação até ao mais profundo da Sua alma, ao carregar os pecados “de todo o mundo” (I João 2:2). “Mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos” (Isa. 53:6). Sendo um membro eterno da Trindade, Cristo tinha estado sempre envolvido pelo assombroso amor do Pai e do Espírito. Que terrível a separação d'Eles! A Sua solidão era intensa. Das alturas do eterno amor Ele tinha mergulhado no abandono para salvar a Humanidade, qualquer que fosse o preço para Ele, sabendo que a maioria O rejeitaria. Não existe maior amor do que este!

Cristo, “levando Ele mesmo, em Seu corpo, os nossos pecados sobre o madeiro” (I Ped. 2:24). “Cristo nos

Ele experimentou
o mais profundo
abandono por Deus
para que **nunca**
tivéssemos que o
sentir.



resgatou da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro” (Gál. 3:13). Cristo sentiu-Se abandonado, arrancado ao Seu Pai, como se não fosse mais o Filho de Deus. O terrível peso do pecado, tão repugnante para o Pai e para o Espírito Santo, e tão horrendo para Cristo, amaldiçoou-O, esmagando a Sua vida. Carregar o pecado separou Jesus da companhia do Pai e do Espírito Santo que Ele desejava ter e da qual precisava desesperadamente.

O Calvário foi o julgamento, em primeiro lugar de Satanás, o iniciador do pecado (Heb. 2:14), e, em segundo lugar, do Salvador, como substituto dos pecadores (II Cor. 5:21; cf. Isa. 53:10, 11).

Cristo ocupou o lugar de cada ser humano e sofreu o juízo de Deus pelos pecados do mesmo. Que maravilhosa troca!

Ao longo da Sua vida na Terra, Cristo dependeu somente de Deus, um poder exterior a Si mesmo. Ele dependia exclusivamente de Deus (Pai e Espírito Santo), numa união que não conhecia a separação, e por vezes necessitava de noites inteiras em oração (Luc. 6:12). A comunhão com Deus era o Céu para Ele, num mundo tão diferente do Seu primeiro lar. Cristo encontrou o escape à depravação que O rodeava ao comungar com o Pai. Ele sentia que o Pai estava tão próximo que Ele podia dizer: “o Pai está em Mim e Eu n'Ele” (João 10:38).

Abandono total

O Homem Jesus chegou ao precipício – onde mais necessitava de Deus. Mas, precisamente no momento da Sua maior necessidade, sentiu-Se completamente abandonado. É impossível compreender a indescritível angústia dessa terrível solidão. Ver Jesus sofrer e morrer como um homem deve ter causado uma dor intensa ao Pai e ao Espírito

Santo, ao sofrerem com Ele. O clamor de Cristo é a experiência mais angustiosa registrada nos Evangelhos. Embora tivesse falado previamente da Sua ressurreição (Mat. 16:21) e do Seu regresso na Segunda Vinda (Mat. 16:27), durante aquelas terríveis horas na cruz Ele não podia ver para além da escuridão a ressurreição e a Segunda Vinda. Ele sentiu que a “separação [de Deus e do Espírito Santo] tivesse de ser eterna.”⁴ Cristo estava disposto a perecer para salvar a Humanidade.

E Ele tê-lo-ia feito só por si!

Cada membro da Trindade sofreu na cruz. E ouvir o Homem de dores gritar “Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?” (Mar. 15:34), desfez o coração da Divindade. O “pagamento” pela culpa dos humanos significou que Cristo suportou a punição por todo o pecado. Ele viveu o que devia ter sido o nosso total abandono por Deus. Não havia outra saída.

Não era um Deus zangado que punia a culpa humana, mas era um Pai e um Espírito destroçados que sofriam com Cristo enquanto que Ele sozinho era o sacrifício pelo pecado. Ninguém jamais compreenderá a profundidade do sofrimento partilhado pela Trindade durante as horas em que Jesus esteve suspenso na cruz. Só tenuemente entendemos algo nestas palavras: “Porque Deus amou o mundo, de tal maneira, que deu o Seu Filho unigênito” (João 3:16).

Enfim, esperança!

Toda a Trindade esteve presente na cruz. O Calvário abre as profundezas insondáveis do amor de Deus, para que a rebelião não possa surgir de novo (Naúm 1:9). O amor do Calvário atrairá e susterrá para sempre todos os seres humanos – não caídos e salvos – para perto de Deus em amorosa adoração e louvor.

Mesmo antes da morte, numa fé pura, Cristo, de novo, falou a

Deus como a um Pai: “Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito” (Luc. 23:46). Maravilha das maravilhas, o desamparado Jesus humano, possuindo completa divindade no Seu interior, nunca cedeu à tentação de depender da Sua própria divindade, mas dependeu da divindade do Seu Pai, mesmo quando, sendo portador do pecado, Ele Se sentiu abandonado por Deus. Quem pode compreender a profundidade do sacrifício envolvido?

Ao contemplar a cruz, clamo a Deus para quebrar o meu coração, para me fazer perceber que foi pela minha transgressão da Lei, pelo meu pecado, pela minha culpa, que Jesus morreu. Clamo para que seja capaz de O amar com todo o meu coração, para que seja capaz de amar a Sua Lei e odiar o pecado por causa do que este Lhe fez. O meu pecado crucifica Cristo de novo (Heb. 6:6). Por isso, oro: “Senhor, quebra o meu coração para que eu não quebre o Teu.”

Não podemos viver como Ele viveu sem Ele. Mas porque Cristo mergulhou na agonia da separação de Deus, experimentando o que é ser abandonado por Deus, Ele promete: “Não te deixarei, nem te desampararei” (Heb. 13:5). Ele experimentou o mais profundo abandono por Deus para que nunca tivéssemos que o sentir.

Que maravilhosa substituição! ✨

• Norman R. Gulley

Professor de pesquisa em Teologia Sistemática na Southern Adventist University

Referências

1. William L. Lane, *The New International Commentary on the New Testament: Mark*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1974, p. 518; citando e concordando com J. Jeremias, *The Prayers of Jesus*, p. 62.
2. Ronald Y. K. Fung, *The New International Commentary on the New Testament: Galatians*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1988, p. 185, nota de rodapé 85.
3. R. T. France, *Tyndale New Testament Commentaries: Matthew*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1985, p. 398.
4. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, Ed. Publicadora Servir, p. 642.

Baptismos como resultado da distribuição do livro “O Caminho para a Esperança”

Já tivemos ocasião de analisar como a distribuição do livro *O Caminho para a Esperança* constituiu um momento marcante para as diferentes igrejas que, em Portugal, participaram neste projecto.

Progressivamente, chegaram os resultados dessa distribuição, um dos quais



vindo de Leiria. As igrejas de Leiria e a igreja de Pombal distribuíram 6000 livros, e 3000 livros, respectivamente.

No dia 10 de Abril de 2010, dia da distribuição, os irmãos Samuel Rodrigues, Moisés Silva e Elsa Silva abordaram um casal na rua – o Sr. Virgílio e a Sr^a Michaela – e ofereceram-lhes o livro. O casal foi receptivo a essa oferta. Graças ao convite inserido no livro, este casal assistiu, des-

de o primeiro dia, à série de conferências. Após as conferências, continuaram a frequentar a igreja aos Sábados e foram recebendo mais estudos bíblicos, dirigidos pelo signatário. Pela graça de Deus, no final do ano de 2010, confirmaram o desejo de serem baptizados. Puderam reali-



zar publicamente este desejo, no dia 8 de Janeiro de 2011, na cerimónia baptismal na IASD de Leiria.

Na igreja de Gândara dos Olivais – a outra igreja em Leiria – foi entregue um livro “O Caminho para a Esperança” ao Sr. Francisco, que mora no prédio em frente à sala de culto da igreja. Embora este senhor tivesse curiosidade ao observar o movimento de pessoas naquele lugar cada

Sábado, nunca tinha entrado na igreja. Ele frequentou regularmente a série de conferências bíblicas que, nesta igreja, foram apresentadas pelo pastor Paulo Mendes. O Sr. Francisco baptizou-se na igreja da Gândara dos Olivais, no dia 8 de Janeiro de 2011, assim como outras três



pessoas que já frequentavam a igreja.

Como diz a Bíblia, Deus tem muitas formas de tocar as pessoas. Ele continua a fazê-lo nos nossos dias, servindo-Se destes exemplos de motivação, para que a Igreja continue envolvida na sua missão de anunciar o evangelho.

Elias de Godoy
Pastor das igrejas de Leiria e Pombal

Porto

Seminário Sobre Culto Familiar

Realizou-se nos dias 11 e 12 de Fevereiro na IASD do PORTO, o Seminário sobre Culto Familiar apresentado pelos Pastores Irene Paula e António Amorim.

Durante estes dias aprendemos os 3 elementos fundamentais para ter um bom culto familiar que são:

- Louvor
- Meditação
- Oração

Foi salientada a importância da oração como conversa e diálogo com Deus.

“Oração é a comunhão com Deus, a fonte da sabedoria, o manancial do poder, da paz

e da felicidade.” – Ellen White, *Testemunhos Selectos*, vol. 3, p. 91.

Aprendemos como obter do culto familiar a força espiritual, a riqueza dos afectos, a eficácia da comunicação e como fazer de Deus um instrumento privilegiado na transmissão de valores e de sentido da vida, para todos os membros da família.

As belas mensagens que recebemos dos pastores Amorim e Irene Paula demonstraram que Deus não é uma história que se conta, mas sim uma realidade que se experimenta.

Álvaro Bastos, Dep. Rel. Públicas da IASD do Porto



Coração quente numa manhã muito fria

Tivemos de nos levantar muito cedo e estava muito frio, nesse Domingo 23 de Janeiro, por coincidência dia de eleição presidencial mas, nas ruas da cidade, fomos ao encontro de algumas pessoas para quem a vida se tornou, há muito ou há pouco tempo, uma imensa tristeza. Oferecemos sandes, leite/cevada quente, sorrisos, dois dedos de conversa... Acima de tudo, oferecemos a nossa ida, ao encontro daqueles de quem quase todos se afastam: os Sem-Abrigo das ruas da cidade.

"Impressionou-me ver aqueles homens, e mais ainda, aquelas senhoras, jovens, embrulhadas em cobertores, enrolados em caixas de cartão..." "Distribuímos o que tínhamos levado, tentámos deixar algumas palavras de esperança, e regressámos reflectindo sobre a vida, o seu sentido, as nossas escolhas, os caminhos... Uma certeza, porém... Há, nos caminhos do mundo, pessoas que precisam, urgentemente, que a nossa fé se materialize mais e que as orações que fazemos nos motivem a sair do reduto confortável do nosso lar e da nossa igreja, levando-nos ao encontro daqueles que, provavelmente, mais precisam da nossa ajuda e da nossa esperança." – Pedro, Sara e João Pedro Fonseca



"No dia 23 de Janeiro tivemos o grato privilégio de acompanhar os voluntários da ADRA do Porto na entrega do pequeno-almoço a alguns Sem-Abrigo na cidade do Porto. Foi um dos momentos mais marcantes que tivemos na nossa vida. Deparámos-nos com situações terríveis, vividas por estes homens e mulheres... Todos somos poucos para ajudar."

– Américo e Lurdes Silva

"Acompanhei a ADRA do PORTO E ERMESINDE nas ruas da cidade do Porto. Tenho obrigação de apoiar causas Solidárias, causas cheias de compaixão, carinho e serviço ao próximo. Sou feliz quando faço os outros felizes." – Aurora Cunha, Antiga Atleta Olímpica



Gostáramos de, ao longo do ano de 2011, continuar a contar com o apoio de todos aqueles que são invisíveis a esta causa, de modo a repetirmos estas acções de carácter humanitário e solidário.

Álvaro Bastos, ADRA-Norte

Benavente

Almada

Delegação da ADRA de Benavente organizou Almoço Comunitário Solidário

A ADRA de Benavente organizou, no passado dia 26 de Dezembro de 2010, um Almoço Comunitário Solidário, em parceria com os Serviços Sociais da Câmara Municipal de Benavente. A iniciativa decorreu no Auditório da Comissão de Festas de Benavente, gentilmente cedido pela respectiva Comissão.

Os voluntários da ADRA-Benavente, com o apoio das suas famílias e dos jovens Desbravadores da igreja de Benavente, re-



colheram, confeccionaram e serviram alimentos a algumas das famílias que têm sido acompanhadas pela Delegação. Ao todo, participaram cerca de oitenta pessoas.

Depois de desfrutarem de um almoço variado, os convidados puderam ainda assistir a um pequeno programa de Natal com momentos musicais, poesias, jograis e a apresentação de um vídeo promocional do trabalho da ADRA em Portugal e no mundo.

A iniciativa foi possível graças ao patrocínio de algumas empresas locais.

IASD Benavente



Descansaram no Senhor



Faleceu, no dia 7 de Janeiro, a nossa irmã Maria Fernanda Velez Botelho Patrício. Nascida no dia 27 de Março de 1922, foi baptizada, no dia 22 de Junho de 1960, pelo Pastor Armando Casaca, na IASD de Portalegre.



Faleceu, no dia 9 de Janeiro, a nossa irmã Rosa da Silva Machado. Nascida no dia 3 de Fevereiro de 1932, foi baptizada, no dia 10 de Setembro de 1967, pelo Pastor Everett Jewell, em Nova Lisboa, Angola.

Aguardamos, juntamente com as famílias, irmãos e amigos enlutados, a ressurreição destas nossas duas irmãs, que em muito contribuíram para o desenvolvimento espiritual da IASD em Almada, com o seu exemplo de devoção à fé que aceitaram na sua vida.

Isabel Palma, Secretária

Baptismos

No Sábado, 4 de Dezembro de 2010, realizou-se no Cacém uma cerimónia baptismal para acolher na igreja da Brandoa quatro novos membros. Baptizaram-se as irmãs Emily Arruda, Adriana Arruda, Ana Paula Santos e o irmão Paulo Tavares. No fim do baptismo, feito o apelo àqueles que desejariam também ser baptizados no futuro, responderam seis preciosas almas. Agradecemos a Deus a bênção de termos mais quatro valorosos crentes empenhados na causa de Deus e estamos já a preparar uma classe baptismal para formarmos os interessados que responderam ao apelo. Esta cerimónia baptismal foi possível graças à cedência do baptistério por parte da igreja do Cacém, a quem agradecemos na pessoa do seu Pastor, Ilídio Carvalho.

Paulo Lima, Pastor estagiário
Responsável pelas igrejas da Brandoa e da Póvoa de Santo Adrião e pelo grupo de Casal de Cambra

Baptismos

No Sábado, 18 de Dezembro de 2010, foi dia de festa espiritual, pois realizou-se o baptismo de duas almas. A irmã Lurdes Borrega integrou pelo baptismo a igreja da Póvoa de Santo Adrião e o irmão Luís de Jesus tornou-se membro do grupo de Casal de Cambra. A cerimónia decorreu num agradável clima de fraternidade entre as duas congregações, tendo quatro pessoas respondido ao apelo feito no final para futuro baptismo na Igreja de Deus. Continuamos a trabalhar com as pessoas que responderam ao apelo, para que, em breve, outra colheita de almas possa ser realizada pela congregação da Póvoa de Santo Adrião e pelo grupo de Casal de Cambra.

Paulo Lima, Pastor estagiário, responsável pelas igrejas da Brandoa e da Póvoa de Santo Adrião e pelo grupo de Casal de Cambra

Aveiro

Emissões

As IASD de Aveiro e de Oliveira de Azeméis, iniciaram, no mês de Fevereiro, um *site* na Internet. Podem seguir as emissões no seguinte endereço:
www.ustream.tv/channel/iasdaveiro.

O programa inaugural foi transmitido em directo da igreja de Aveiro, no Sábado 12 de Fevereiro, e teve como orador o Dr. António Luís Castelo. Nessa mesma semana, nos dias 18 e 19 de Fevereiro, a pastora Hortelinda Gal apresentou duas mensagens de grande importância para a vida da igreja, especialmente para a vida das famílias e dos casais.

Damos graças a Deus por estas novas oportunidades que se abrem diante de nós e empenhamo-nos na sua divulgação.

Lagoa

Investiduras de Desbravadores

Decorreu, no Sábado 26 de Fevereiro, uma cerimónia de investiduras de Desbravadores, na Igreja Adventista do Sétimo Dia de Lagoa (Algarve).

Realizado durante a manhã, este evento contou com a presença do Pastor Rui Bastos, director nacional da Juventude Adventista (JA), dos dirigentes da Comissão Regional Sul da JA e de representantes dos Clubes de Desbravadores de Faro e Portimão.

Foi um dia cheio de emoções para os doze jovens que, durante a manhã, protagonizaram esse acto público de proferir o voto e ser investido com o lenço do Clube correspondente à sua faixa etária: cinco Tições (Leandra Sequeira, Lara Alemão, Inês Loureiro, Joel Loureiro e Diana Loureiro); quatro Desbravadores (Filipe Francisco, Stefan Sequeira, Andreia Francisco e João Francisco) e três Companheiros (Daniel Beleza, Flávia Sequeira e Cristiano Sequeira).

Durante a tarde, para além de um *pe-dy-paper* bíblico, realizou-se ainda uma conferência subordinada ao tema "Escolha de profissão para jovens cristãos", pelo Pr. Rui Bastos.

Paulo Loureiro, Dep. Comunicação, IASD Lagoa



Participe
na grande distribuição
do livro missionário
deste ano!

21 e 22 de Maio



Contacte o coordenador
local de Evangelismo

PROJECTO
LIVRO
MISSIONÁRIO
2011

Somos Obras-Primas de Deus

Convivo constantemente com crentes de todas as fés.

Nomeie a denominação e eu, muito provavelmente, terei frequentado uma das suas igrejas. Eu gosto das pessoas, e empenho-me ao máximo no sentido de fazer com que o objectivo de alcançar o Céu se torne muito real e atingível para todos aqueles que conheço.

Deus ama cada um de nós mais profundamente do que aquilo que possamos começar a imaginar. Muitas pessoas acreditam, erradamente, que Deus, o Pai, é austero e inacessível, e que o papel de Jesus é, frequentemente, o de aplacar a Sua ira. Não é isto o que a Bíblia nos ensina. Quando os discípulos pediram a Jesus que lhes dissesse como era o Pai, a Sua simples resposta foi: "... quem Me vê a Mim, vê o Pai..." (João 14:9). O que Jesus estava a dizer é que o carácter de Deus é tão amoroso, compassivo, perdoador, paciente, gentil e altruísta quanto o Seu. Logo, Deus é amor.

O acto de salvar a humanidade envolveu as influências combinadas do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Consigo imaginá-l'Os, algures no tempo infundo, a reunirem-Se para solucionar a contingência do pecado que emergia no Planeta Terra. Porque a Trindade reina sobre o Universo com amor, cada um de nós nasceu com a capacidade de escolha. Esta liberdade comporta a

possibilidade de se escolher o mal.

Para resgatar a humanidade – e o Universo – da rebelião de Satanás e das suas mentiras, foi arquitectado um plano arrojado e assustador. O Pai, no Seu delicado e perfeito amor, aceitou a decisão do Seu Filho de morrer no lugar dos pecadores. Só Jesus, o Perfeito Filho de Deus, poderia redimir a nossa alma.

Acredito que a maioria dos pais diria que seria mais fácil morrerem eles do que permitir que morresse o seu filho. Depois da morte do meu próprio filho, Richard, em Março de 2008, é com todo o meu coração que posso admitir o mesmo. Eu teria dado tudo naquele dia, na sala das urgências, para que o meu filho vivesse. Eu teria, alegre e voluntariamente, morrido no seu lugar. Mas não era assim que as coisas deviam ser.

Foi o amor de Deus, o Pai, que "deu o Seu Filho unigénito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16).

Isaías predisse que o nosso Salvador seria "desprezado, e o mais indigno entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos" (Isa. 53:3). Ele foi preso, julgado e levado para morrer. Mas quem é que entre a multidão compreendeu que Ele estava a morrer pelos seus pecados, que Ele estava a sofrer o seu castigo?

A culpa da humanidade caída foi

um peso que Jesus escolheu carregar, um cálice amargo que Ele escolheu beber. A realidade do pecado era tão grande que Ele foi tentado a recluir-se que esse o privasse para sempre do amor do Seu Pai e do amor do Espírito Santo. O Seu coração tremeu ante essa hipótese. Mateus 26:37-42 diz-nos que o Seu coração estava esmagado com um sofrimento profundo, até à morte. No momento mais obscuro da Sua vida, pareceu que estava privado da luz da presença de Deus. Na cruz, Ele clamou bem alto: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mat. 27:46).

De repente, diz-nos a Bíblia, o espesso véu pendurado no Templo foi rasgado em dois desde cima até a baixo. Então Jesus agarrou-Se à Sua perfeita fé e confiança em Deus, dizendo: "Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito." E, havendo dito isto, expirou" (Luc. 23:46).

Ele carregou silenciosamente cada um dos nossos pecados vergonhosos. Com o maior e mais profundo amor, o Criador do Universo deu a Sua vida por si e por mim. Ele não ofereceu o sangue de animais, mas ofereceu-Se a Si mesmo como um sacrifício completo e final pelo pecado. Em breve Ele voltará como Rei dos reis e Senhor dos senhores, e nós reinaremos com Ele para sempre! ✨

• Dick Rentfro

Pastor e evangelista reformado

Como é que os Adventistas

A Igreja Adventista do Sétimo Dia celebrou, no dia 1 de Outubro de 2010, os 150 anos do seu nome. Na década antes de 1860, o número de crentes Adventistas que observavam o Sábado cresceu rapidamente. Este crescimento exigiu um esforço organizacional. Uma preocupação particular foi, justamente, a questão de como financiar adequadamente o movimento em crescimento e sustentar os ministérios.

Tiago White, um dos principais fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, disse: “Na fase inicial da causa, os nossos irmãos não tinham um método com o qual pudessem agir para sustentar os ministros. Aqueles que estavam dispostos a dar alguma coisa davam aquilo que queriam. Durante algum tempo, os nossos ministros foram bem sustentados por algumas pessoas com espírito generoso, ao passo que a maioria se escusava a fazer o que quer que fosse. Em pouco tempo, tornou-se evidente que estas pessoas generosas estavam a ficar cansadas desta desigualdade e começaram a retirar o seu apoio.”¹

Um verdadeiro desafio ocorreu em 1856, quando dois ministros, J. N. Loughborough e J. N. Andrews, interromperam o seu ministério e se mudaram para Waukon, Iowa, nos Estados Unidos, para sustentarem as suas famílias. No dia 9 de Dezembro desse mesmo ano, Ellen White teve uma visão que a levou a deslocar-se com determinação a Waukon, atravessando o Mississípi num trenó antes de o gelo estar totalmente formado. Foi pedido a estes dois homens que retomassem o seu ministério, mas o desafio de sa-

ber como sustentar o ministério em crescimento continuou a ser um dilema. Foi em Abril de 1858 que J. N. Andrews dirigiu uma classe bíblica em Battle Creek, no Michigan, para aprenderem, a partir das Escrituras, a forma como o ministério evangélico deveria ser sustentado.²

Oferta Sistemática

Esta iniciativa conduziu ao estabelecimento de um novo plano de ofertas, denominado Oferta Sistemática. Os dois textos-chave que serviram de base ao título e ao plano foram *I Coríntios 16:2*, que realça a contribuição sistemática planeada, e *II Coríntios 9:5-7*, que salienta a importância de dar com alegria e com uma atitude de benevolência. O plano de 1859 não era baseado no ensino bíblico do dízimo. Esse conhecimento surgiria mais tarde. A primeira linha de orientação propunha que os “irmãos” separassem entre dois e vinte e cinco centavos de dólar por semana e as “irmãs” entre um e dez centavos de dólar por semana. Adicionalmente, era pedido àqueles que tinham propriedades que, todas as semanas, reservassem entre um e cinco centavos por cada cem dólares de valor.

O plano sofreu algumas modificações durante os anos de 1860, mas era uma forma funcional de o movimento Adventista se expandir e de conceder, pelo menos, um pequeno sustento aos ministros do Evangelho e às actividades evangelísticas. Ellen White apoiou o plano de Oferta Sistemática com as seguintes palavras:

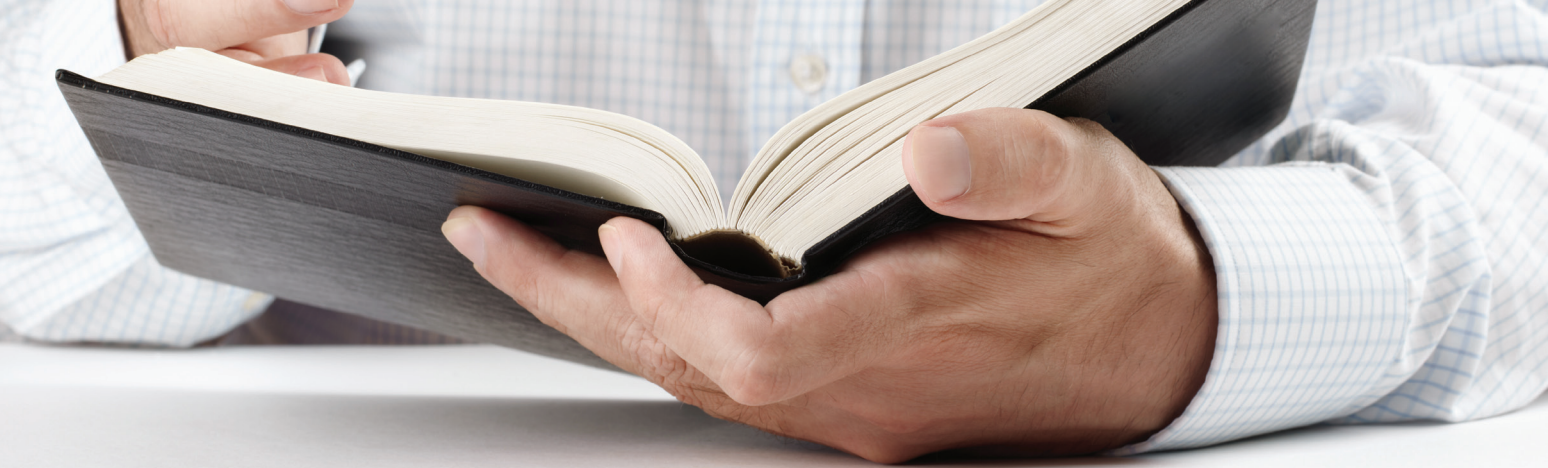
“Há ordem no Céu e Deus agrada-Se com os esforços do Seu povo no sentido de agir com método e ordem ao realizar a Sua obra na Terra. (...)

Deus está a conduzir o Seu povo no plano da doação sistemática, e este é um dos muitos pontos nos quais o Senhor está a educar o Seu povo, ponto este que contrariará alguns. Será para eles como o arrancar do braço ou do olho direito. Para outros, porém, será um grande alívio. Para as pessoas nobres e generosas, o que lhes é pedido parece pouco, e elas não estão contentes com essa pequena contribuição.”³

A Oferta Sistemática era amplamente aceite pelos Adventistas do Sétimo Dia. Em 1868, Tiago White declarou: “De uma maneira geral, este sistema está a ser adoptado pelo nosso povo em toda a parte e proporciona um sustento generoso aos nossos ministros, deixando-os livres para se dedicarem inteiramente ao trabalho do ministério.”⁴

“No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade, para que não se façam as colectas quando eu chegar” (I Cor. 16:2).

“Portanto, tive por coisa necessária exortar estes irmãos, para que primeiro fossem ter convosco, e preparassem de antemão a vossa bênção, já antes anunciada, para que esteja pronta como bênção, e não como avareza. E digo isto: Que o que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância ceifará. Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria” (II Cor. 9:5-7).



adoptaram o ensino bíblico do dízimo?

O Plano de Dízimos

Houve um novo estudo do plano de Oferta Sistemática em 1876, quando D. M. Canright publicou dois artigos na *Review and Herald*. Nestes artigos, salientou que Deus pedia um décimo do nosso rendimento,⁵ que definiu como “a décima parte de tudo o que ganhamos durante o ano, com os nossos recursos e o nosso trabalho”.⁶ Já em 1861, o plano de Oferta Sistemática incorporara um aspecto do dízimo. O montante requerido aos que possuíam propriedades fora estabelecido em dez por cento da sua valorização.

O plano de 1876 foi discutido numa sessão especial da Conferência Geral, realizada no início desse ano. Foi votado que todos deveriam “consagrar um décimo de todo o seu rendimento, proveniente de qualquer fonte, para a causa de Deus”.⁷ Durante o resto do ano de 1876, e ao longo de 1877, foram realizados estudos bíblicos e reuniões. Em 1878, foi redigido um folheto intitulado “Oferta Sistemática ou Plano Bíblico para o Sustento do Ministério”,⁸ que explicava cuidadosamente, a partir da Bíblia, o plano do dízimo e detalhava a alteração significativa da Oferta Sistemática. Ao passo que, em 1859, o plano da Oferta Sistemática se focara na importância das contribuições sistemáticas baseadas em I Coríntios 16:2, as revisões de 1878 definiam, na realidade, o plano bíblico sobre a maneira como o montante devia ser definido.

O novo plano foi implementado no início da primeira semana de 1879,⁹ e surgiu exactamente no momento certo para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. As missões no estrangeiro e a rápida expansão da Igreja foram grandemente beneficiadas com o aumento dos recursos, que chegaram mediante o cumprimento do plano bíblico do dízimo.

Para alguns, pode ser surpreendente o facto de os Adventistas do Sétimo Dia terem demorado tantos anos a estabelecer o ensino bíblico do dízimo. É importante compreender que Deus dirigiu as coisas passo a passo. Foi desejo de Deus que os Adventistas fundamentassem as suas ofertas nas instruções dadas pela Bíblia. Por conseguinte, embora as visões de Ellen White apoiassem a Oferta Sistemática de 1859 e o Plano de Dízimo de 1876, não foram as visões que lideraram este processo. Deus esperou que a Sua Igreja estudasse o assunto a partir da Bíblia e construísse uma base doutrinal que estivesse principalmente de acordo com as Escrituras.

“Causa de Deus”

Ironicamente, muitos Adventistas do Sétimo Dia de hoje em dia não têm consciência de que, no início, o nosso plano de dízimo salientava o apoio sistemático do movimento. Não havia o pensamento de desviar o dinheiro para outras causas. Esta era a ampla “causa de Deus”, que

consistia em organizar a proclamação da Mensagem dos Três Anjos de Apocalipse 14 como preparação para a Segunda Vinda de Cristo. A “causa de Deus” necessitava de ofertas e dízimos consistentes e sacrificiais. Além dos dízimos, Deus chama-nos a dar ofertas generosas para sustentar muitos aspectos do ministério da Igreja. Actualmente, raras vezes ouvimos a expressão “Oferta Sistemática,” que, provavelmente, soa estranha aos nossos ouvidos. No entanto, os princípios patentes nesta expressão permanecem como valores fundamentais quando adoramos Deus com os nossos recursos. ✝

• **Dr. Merlin D. Burt**

Director do Centro de Investigação Adventista da Universidade de Andrews

Referências

1. James White, *Life Incidents*, (Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing, 1868), pp. 300, 301.
2. John N. Loughborough, *The Church, Its Order, Organization, and Discipline*, p. 107.
3. Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, Vol. 1, p. 191.
4. White, J., *Op. Cit.*, p. 302.
5. D. M. Canright, “Systematic Benevolence, or the Bible Plan of Supporting the Ministry” in *Review and Herald*, 17 de Fevereiro de 1876, pp. 49 e 50.
6. *Idem*, p. 66.
7. “Special Session of the General Conference”, *Review and Herald*, 6 de Abril de 1876, p. 108.
8. *Systematic Benevolence: The Bible Plan of Supporting the Ministry* (Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing, 1878); “Systematic Benevolence”, *Review and Herald*, 24 de Outubro de 1878, p. 136.
9. “Systematic Benevolence”, *Review and Herald*, 12 de Dezembro de 1878, p. 188.

A Educação Adventista no Século 21: 8 Tendências Importantes

Os pioneiros que lançaram a educação adventista, em 1872, ficariam verdadeiramente surpreendidos se pudessem ver o alcance internacional daquela iniciativa, 138 anos mais tarde.¹ Nascendo de uma escola com uma sala, que se localizava por cima da casa do professor, Goodloe Harper Bell, em Battle Creek, no Michigan, aquele projecto experimental tornou-se efectivamente um empreendimento mundial.²

Se os nossos precursores fossem vivos hoje, podiam fazer uma visita relâmpago à escola flutuante com 26 estudantes indígenas, no Lago Titicaca, no Peru, e viajar depois até à maior escola secundária adventista em Maningar Este, na Índia, com 8550 estudantes, e mais tarde visitar as quatro universidades adventistas com mais de 5000 estudantes no Brasil, na Jamaica, na Coreia e na Nigéria. Que coisas maravilhosas Deus tem realizado!

Um foco em expansão

O que foi originalmente concebido como ambiente seguro para ensinar o básico às crianças das famílias Adventistas em Battle Creek, rapidamente se tornou o primeiro centro de formação para os futuros ministros Adventistas. Conforme o tempo foi passando, outros programas de ensino superior foram adicionados para preparar professores, profissionais de saúde, administradores e missionários para a Igreja Adventista do Sétimo Dia na América do Norte e para se tornarem pioneiros no estrangeiro.

À medida que a rede educativa se expandia rapidamente durante as subseqüentes décadas, tornou-se claro que as escolas denominacionais em locais de missão eram um método eficiente para atrair os estudantes de outra fé às crenças Adventistas. Outros ajustes se seguiram. Pela segunda metade do século XX, as nossas faculdades estavam a oferecer educação profissional a um crescente número de Adventistas que não planeavam trabalhar para a Igreja, mas que pretendiam encontrar emprego em diversas organizações ou estabelecer o seu próprio negócio. Uma década depois do início do século XXI, os estudantes que procuram uma graduação ou pós-graduação nas 110 faculdades, se-

minários e universidades adventistas, perspectivam carreiras numa ampla variedade de ambientes profissionais.

Uma voz visionária

Desde o início, a voz principal em oferecer os fundamentos conceptuais e em projectar a visão da educação adventista foi uma mulher que não tinha formação académica formal extensa, mas que era bem letrada – Ellen Harmon White. No seu ensaio de 30 páginas, “Proper Education” (1872-1873) – mais tarde alargado nos seus livros *Educação* (1903) e *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes* (1913) – ela delineou uma filosofia e missão visionárias, no entanto práticas, para a educação adventista, que continuam a guiar e a desafiar os nossos professores e os líderes. As características distintivas da sua visão incluem uma educação que:

- Confirme Deus como o Criador e a fonte absoluta de toda a verdade, bondade e beleza;
- Seja baseada na Bíblia, centrada em Cristo, e projectada em direcção à vida eterna com Deus;
- Busque o desenvolvimento harmonioso da pessoa como um todo – coração, mente, corpo e relacionamentos;
- Promova a formação de um carácter baseado nos valores cristãos centrais;
- Ofereça equilíbrio entre uma sólida escolaridade, pensamento criativo e competências práticas;
- Promova um serviço abnegado aos seres humanos como o mais valioso chamado da vida;
- Encoraje os estudantes a entregarem a sua vida a Cristo e a unirem-se à Igreja Adventista.

Tendências positivas

Pela providência divina, os Adventistas operam agora a estrutura mais ampla (no âmbito global), mais unificada (com uma estrutura de supervisão que vai do campo local até à sede mundial), e o sistema educativo relacionado com a Igreja e coordenado (por conselhos administrativos interligados) do mundo.³

Quatro tendências positivas na educação adventista merecem ser mencionadas:

- **Crescimento constante.** Hoje, num dia de aulas normal, 1,67 milhões de crianças e jovens adultos estudam com 7800 professores, em 84 000 escolas, colégios e universidades adventistas, em 145 países do mundo. (Ver os gráficos 1 e 2.)

- **Reconhecimento crescente,** da parte das autoridades governamentais e das famílias de outras denominações, do valor da educação oferecida pelos Adventistas. Mais de metade dos estudantes inscritos vêm de lares não-adventistas. Além disso, através de decretos nacionais ou de alvarás, os governos nacionais continuam a conceder autorização para a abertura de novas universidades Adventistas – desde a Argentina até ao Zimbabué. A última foi autorizada pelo governo do Paraguai, no final de 2009. Muitos estudantes que terminam uma gradu-

bíblicos aos estudantes.⁴ Além disso, um grande número de colégios e universidades têm incorporado uma componente de serviço nos seus programas, envolvendo assim os estudantes na melhoria das condições de vida dos seres humanos nos seus países e no estrangeiro.

- **Missão.** As instituições educativas adventistas continuam a proporcionar a entrada do evangelho em grandes regiões do mundo onde o evangelismo público é restringido ou proibido. Os principais funcionários denominacionais – pastores, professores, profissionais de saúde, administradores – assim como os profissionais que servem como membros leigos nas suas congregações, recebem a sua formação em centros educativos adventistas. Muitos administradores da Igreja confiam nos especialistas que ensinam nas universidades adventistas para dirigirem inquéritos, elaborarem declarações

GRÁFICO 1 – Educação Adventista do Sétimo Dia

Estatísticas Mundiais – 31 de Dezembro de 2009

	Escolas	Professores	Estudantes
Primária	5899	43 491	1 085 177
Secundária	1748	30.287	457 934
Escolas de Formação	47	612	8076
Faculdades e Universidades	110	10 607	122 641
Totais	7804	84 997	1 673 828

ção dos nossos programas profissionais – em gestão, em educação e em enfermagem – são avidamente procurados pelos empregadores pelos seus valores morais e pelas suas qualificações superiores.

- **Formação e serviço espirituais.** Muitas instituições adventistas secundárias e universitárias têm fortalecido as suas disciplinas de religião e têm implementado um plano espiritual abrangente para coordenarem todas as actividades curriculares e extra-curriculares de modo a melhor transmitirem as crenças e os valores

públicas e desenvolverem planos estratégicos. Maiores benefícios adviriam à Igreja em geral, se estas parcerias cooperativas fossem alargadas.

Desafios antes e agora

Os primeiros passos na jornada da educação adventista foram incertos. Os limitados recursos humanos, as permanentes dificuldades financeiras e os desentendimentos relativamente ao propósito, ao objectivo e aos métodos do empreendimento educativo causaram frustração e atrasos. Somente durante as duas primeiras

décadas do século XX, quando Frederick Griggs se tornou o porta-voz da educação adventista, é que se conseguiram alcançar objectivos claros, um consenso mais amplo e uma estrutura organizacional mais forte. No entanto, muitos desafios permanecem. Vamos rever os principais.

- **Rádios decrescentes de estudantes-membros.** À medida que a mensagem Adventista se propagava e o número de membros da Igreja au-

Igreja, no ano de 2000, a proporção tinha baixado para 9 estudantes por cada 100 membros da Igreja. Este valor manteve-se estável até ao final de 2008 (Ver gráfico 3). Contudo, menos de metade desses estudantes vêm agora de lares adventistas⁵ (Ver gráfico 4). Este crescente desequilíbrio deveria preocupar-nos seriamente a todos – líderes da Igreja, ministros, pais e membros – porque significa que menos estudantes adventistas

recebem a sua educação e formação moral em salas de aula adventistas.

- **Preservando a identidade e a missão Adventistas.** A crescente reputação dos nossos programas de educação em muitos países atingiu o ponto no qual mais estudantes não-adventistas do que adventistas estão presentemente matriculados nas nossas escolas, em todos os graus (Ver gráfico 4). Embora nos regozijemos com esta tendência, precisamos de avaliar criticamente se estamos a diluir a nossa identidade e missão evangelística de modo a acomodarmos o grande afluxo de estudantes de outras denominações.

Também necessitamos de descobrir porque é que tantos membros da Igreja não estão a matricular os seus filhos nas nossas escolas. As estatísticas revelam um declínio regular na percentagem dos estudantes adventistas em todos os graus de educação. Além disso, a proporção dos professores de outras denominações também continua a aumentar (Ver gráfico 5). Em que medida serão esses professores capazes de transmitir as crenças fundamentais Adventistas aos nossos estudantes? Os administradores também se devem interrogar se estamos

a inaugurar novas escolas e a lançar novos programas de graduação antes de termos o pessoal adequado.

- **Atraindo e melhorando os educadores e os líderes.** A crescente complexidade de dirigir e administrar as escolas, academias e universidades da Igreja requer pessoal competente, empenhado na missão educativa adventista. Existe uma necessidade urgente de professores adventistas qualificados, que amem os seus alunos e que sejam entusiastas pela salvação eterna deles. Será que estamos a seleccioná-los e a ensiná-los cuidadosamente, assim como a pagar-lhes o salário adequado? Os professores que já fazem parte do nosso sistema precisam de receber formação prática de qualidade para estarem actualizados nas suas disciplinas e na sua missão espiritual. Convenções de professores bem planeadas, seminários sobre a integração da fé e do ensino, e grupos de trabalho temáticos importantes poderão ajudar. Os educadores que demonstram capacidades de liderança cristã devem ser rapidamente identificados pelos seus directores, supervisores e administrações, e serem-lhes dadas oportunidades e apoio financeiro para que possam obter actualizações profissionais e estarem preparados para assumirem posições administrativas quando houver vagas.

Além disso, todos os corpos administrativos que gerem os nossos centros educativos devem ser compostos por membros que valorizam a educação adventista, que compreendem a sua missão e os seus desafios, que sejam instruídos nas questões académicas, nas questões financeiras e no planeamento futuro, e que ofereçam a sábia orientação e o apoio sustentado de que as nossas escolas necessitam. Os membros da administração deveriam ter formação e prática para os preparar para as suas responsabilidades.

- **Proporcionando acesso às escolas Adventistas.** Uma educação que seja plenamente cristã e academicamente superior não é barata. As nossas escolas, academias e universidades devem oferecer grande quali-

GRÁFICO 2 – Escolas Adventistas do Sétimo Dia

Crescimento de Inscrição dos Estudantes a nível mundial

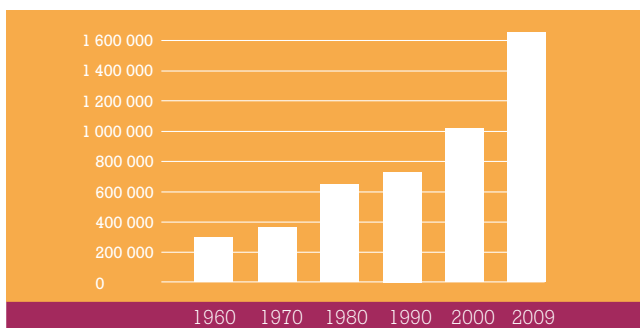
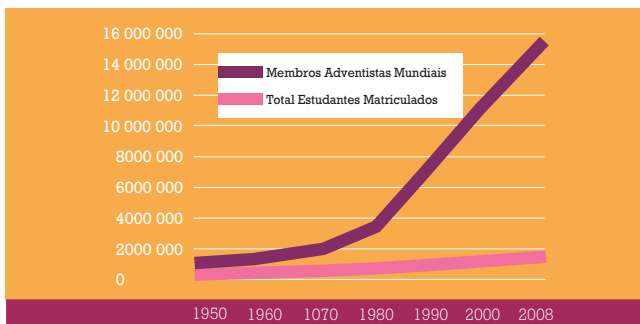


GRÁFICO 3 – Escolas Adventistas do Sétimo Dia

Rádios decrescentes de Estudantes-Membros



mentava – especialmente em países em vias de desenvolvimento na África, na Ásia e na América Latina – uma distância cada vez maior surgiu entre o número de membros adventistas e os estudantes inscritos nas escolas adventistas. Em algumas regiões do mundo, existe uma estagnação ou redução, quando escolas adventistas primárias e secundárias são fechadas por falta de apoio. As estatísticas indicam que, enquanto que em 1960 existiam 23 estudantes a frequentarem uma instituição educativa adventista por cada 100 membros da

dade e, ao mesmo tempo, responder aos cada vez mais elevados padrões nacionais, às exigências crescentes do governo e às elevadas expectativas dos pais e dos estudantes, e aos limitados apoios da Igreja. Ao mesmo tempo, muitas famílias com recursos limitados lutam para pagar as mensalidades dos seus filhos, para cobrir os salários dos professores, ou para contribuir com os fundos necessários para a modernização, construção ou expansão dos nossos edifícios escolares. Será que os pais adventistas vão

hostis às crenças e valores cristãos. Alguns lares adventistas são incapazes de proporcionar a formação equilibrada de que as nossas crianças e jovens precisam. Assim as escolas, as academias e as universidades adventistas oferecem aos estudantes uma oportunidade única para desenvolverem os seus talentos dados por Deus e para se prepararem para uma vida útil enquanto são nutridos pelos professores e orientadores adventistas, e estabelecem como objectivo final a vida eterna na Nova Terra.

cada e orientada para a missão, avançando, para preparar as pessoas para o Reino de Deus. ♡

· **Humberto M. Rasi**

Foi Professor, Editor, Administrador em instituições Adventistas e Director do Departamento de Educação na Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia

GRÁFICO 4 – Percentagem de Matrículas Adventistas

Em todos os graus, 2000-2008

Primária	46%	43%	43%	40%	40%	44%
Secundária	43%	43%	38%	37%	34%	36%
Formação de Obreiros	80%	52%	51%	48%	47%	49%
Universidade	75%	66%	62%	60%	57%	60%
	2000	2004	2005	2006	2007	2008

GRÁFICO 5 – Percentagem de Professores Adventistas

Em todos os graus, 2000-2008

Primária	81.5	80.8	78.6	66.5	68.8	77.1
Secundária	79.4	74.7	75.7	72.9	72.1	71.3
Formação de Obreiros	85.2	76.7	72.6	77.6	77.0	75.6
Universidade	82.0	78.9	75.6	73.3	77.6	75.8
Total	82.0	78.5	75.6	69.6	71.0	74.8
	2000	2004	2005	2006	2007	2008

reconhecer que a salvação eterna dos seus filhos e filhas está em jogo e fazer os necessários sacrifícios para os inscreverem numa escola adventista? Será que os líderes da Igreja vão providenciar o apoio orçamental adequado para a educação das nossas crianças e jovens? Será que todos os membros da Igreja vão contribuir regularmente com o dinheiro necessário para que todas as crianças e jovens adventistas possam receber os benefícios a longo prazo de estudarem numa escola ou academia adventista?

Conclusão

Sabemos bem que a maioria das facetas da cultura contemporânea são

Apesar dos seus desafios, as nossas instituições educativas continuam a proporcionar o melhor contexto para a formação de um carácter semelhante ao de Cristo, para uma preparação para graus avançados, e para a realização dos seus objectivos profissionais. Diversos estudos demonstraram que quanto mais tempo um jovem frequenta uma escola, academia ou universidade adventista, mais probabilidades ele ou ela terá de sucesso académico, construirá um lar cristão e apoiará a missão adventista.⁶

Uma coisa é clara: Sem as nossas instituições educativas e os seus dedicados professores, este mundo não veria uma Igreja ASD dinâmica, unifi-

Notas e Referências

1. A primeira escola com um professor adventista e com estudantes adventistas foi organizada por cinco famílias em Buck's Bridge, em Nova Iorque, em 1853. A primeira professora foi Martha Byington, a filha de John Byington, que viria a servir como primeiro presidente da IASD (1863-1865). Esta experiência da educação adventista durou somente três anos.
2. Floyd Greenleaf descreve habilmente esta expansão global e as suas conseqüentes lutas no seu livro abrangente *In Passion for the World: A History of Seventh-day Adventist Education*, Nampa, Idaho, Pacific Press Publ. Assn., 2005. Um edição actualizada deste livro está agora disponível em espanhol: *Historia de la educación Adventista: Una visión global*, Buenos Aires, Argentina, Adventus/Casa Editora Sudamericana, 2010.
3. A Igreja Católica Romana tem muito mais estudantes matriculados nas suas instituições. No entanto, as escolas Católicas são dirigidas pelas suas dioceses individuais ou pelas ordens religiosas separadas, sem uma coordenação mundial ou uma estrutura de supervisão organizacional.
4. Ver "A Guidebook for Creating and Implementing a Spiritual Master Plan on Seventh-day Adventist Campuses of Higher Education" in Humberto M. Rasi, *Christ in the Classroom*, Silver Spring, Maryland, General Conference Education Department, 1999, vol. 23, pp. 363-394.
5. O autor agradece à Dra. Lisa Beardsley por disponibilizar este gráfico e o seguinte que acompanham este artigo.
6. Ver, por exemplo, Warren Earl Minder, "A Study of the Relationship Between Church-Sponsored K-12 Education and Church Membership in the Seventh-day Adventist Church", Dissertação de Doutorado em Educação, Western Michigan University, 1985; Kenneth James Epperson, "The Relationship of Seventh-day Adventist School Attendance to Seventh-day Adventist Church Membership in the Southern Union Conference", Dissertação de Doutorado em Educação, Loma Linda University, 1990; Robert W. Rice, "A Survey of the Relationship Between Attending Seventh-day Adventist Academies 9-12 and Subsequent Commitment to the Seventh-day Adventist Church", Dissertação de Doutorado em Medicina, University of Denver, 1990; Roger L. Dudley, "Christian Education and Youth Retention in the Seventh-day Adventist Church: Findings from a 10-Year Longitudinal Study", *The Journal of Adventist Education* 62:3, Fevereiro/Março, 2000; e Elissa E. Kido, Jerome D. Thayer, Robert J. Cruise, "Assessing Adventist Academics: A Mid-Point Update on Cognitive Genesis", *The Journal of Adventist Education* 71:2, Dezembro 2008/Janeiro 2009, pp. 3-9.

Apresento-vos o meu Pai

Consegui conhecê-lo pessoalmente... e você também pode!

“Que imagem lhe vem à cabeça quando pensa em Deus Pai? Todo poderoso e todo conhecedor, mas distante e, a maior parte das vezes, ocupado a dirigir o Universo? Ou então a sua ideia do Pai é um pouco vaga, como era a minha, até que percebi quão frequentemente a Bíblia fala d'Ele. O modo como vemos o nosso Pai celeste é realmente importante, porque também afecta a forma como vemos Jesus e a salvação, e como lemos o restante que a Bíblia tem para nos ensinar.

Mas a maioria de nós já tem uma ideia do que significa “pai”, o que pode ou não ser útil ao procurarmos conhecer o nosso Pai celeste.

A imagem mental do meu pai mudou ao longo dos anos. Não sei que tipo de pai teve – severo e forte, fraco e imaturo, gentil e terno, ou talvez uma mistura destes todos. Conheci pessoas cujos pais pareciam ser tudo o que um filho ou filha poderia desejar. Também conheci pessoas cujos pais são, realmente, assustadores.

Uma coisa eu sei: nenhum pai é perfeito. O meu não o é, como ele

mesmo admitiria de boa vontade. Eu estou longe de ser um pai perfeito para os meus filhos. Mas conheço Alguém que é perfeito, porque Ele esteve presente para mim quando mais ninguém estava.

O nosso ideal do que um pai deveria ser é distorcido pela nossa própria experiência, ou limitado pela nossa compreensão imperfeita. É por essa razão que Deus nos fala como um Pai, para nos ajudar a compreender; e, mais importante, para ser para nós mais do que qualquer pai humano poderia.

Como é o nosso Pai celeste? É alguém que nos disciplina porque nos ama e sabe melhor do que os nossos pais humanos o que é que nós realmente precisamos.

Existe um texto no Novo Testamento que eu aprecio especialmente, porque contrasta os pais humanos com o nosso Pai celeste. Diz que os pais humanos nos disciplinam “como bem lhes parecia; mas este [nosso Pai celeste], para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade” (Heb. 12:10). Por

outras palavras, os nossos pais, por muito que se esforcem e por muito piedosos que sejam, não podem nunca preencher o papel que Deus preenche na nossa vida.

O meu pai terrestre fez o que lhe pareceu melhor (quase sempre!), mas o meu Pai celeste *sabe* o que é melhor para mim (sempre!). Não só porque Ele me conhece melhor do que eu me conheço a mim mesmo, mas também porque Ele sabe como tudo terminará, e, mais importante, sabe do que preciso para que eu seja quem Ele designou que fosse. E Ele cumprirá o plano que tem para a minha vida. É por isso que, quando nos aproximamos de Deus em oração, podemos fazê-lo com confiança, porque o nosso Pai celeste sabe do que precisamos antes de Lho pedirmos (Mat. 6:8).

Deus é pequeno o suficiente para *realmente* se preocupar com os nossos pequenos problemas (e não fingir, como eu faço, por vezes, com os meus filhos). Jesus disse que o Pai conhece o número de cabelos da nossa cabeça (Mat. 10:29-31). Podemos confiar que Ele cuidará de *tudo* o que nos diz respeito. Ao mesmo tempo, o Pai é grande o suficiente para governar o Universo e para ter encontrado a solução para o problema do pecado muito antes deste ter surgido (I Ped. 1:20; Apoc. 13:8).

Tal Jesus, tal Pai

O meu Pai celeste é um forte rochedo (Deut. 32:4; Sal. 46:1). “Ele é a minha força quando estou fraco. Ele é o tesouro que procuro. Ele é o meu tudo em tudo.”² Por vezes somos infiéis, mas Ele é sempre fiel, porque não pode negar-Se a Si mesmo (II Tim. 2:13). Ele adoptou-nos



Deus Pai

“Deus, o Eterno Pai, é o Criador, o Originador, o Mantenedor e o Soberano de toda a Criação. Ele é justo e santo, compassivo e clemente, tardio em irar-Se, e grande em constante amor e fidelidade. As qualidades e os poderes manifestados no Filho e no Espírito Santo também constituem revelações do Pai.”¹

na Sua família, dando-nos o Espírito como um selo da nossa ligação a Ele e de que pertencemos à Sua família. Do mesmo modo, o Espírito dá-nos coragem para “nos chegarmos ousadamente” ao Seu trono de graça e de clamar a Ele do modo mais íntimo (e respeitoso) possível: “*Abba, Pai!*” (II Cor. 1:21, 22; Rom. 8:14, 15).

Porque Deus é o nosso Pai, Ele é mais merecedor de honra do que qualquer pai terrestre, e chama-nos para amarmos acima mesmo dos laços familiares mais chegados que temos aqui (Deut. 33:9; ler Mal. 2:10; 1:6; Mat. 10:37).

Mas o facto mais extraordinário acerca do nosso Pai celeste é que Ele tem exactamente o mesmo carácter que Jesus. Como Jesus lembrou a Filipe, “quem Me vê a Mim vê o Pai.” Ele diz que o Pai “faz que o Seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos” (João 14:9; Mat. 5:44, 45).

Às vezes, o nosso Pai celeste, em resposta às nossas súplicas, conforma-Se em dar-nos “o bom”. Mas Ele está decidido e constantemente em acção para nos dar o *melhor* (Mat. 7:11; ler também Luc. 11:13; Mat. 16:17; 18:19), embora muitas vezes não o consigamos perceber. E o melhor presente de todos é ilustrado pela parábola de Jesus que mais diz sobre o Pai do que qualquer outra: a parábola do filho pródigo. Esta parábola ensina-nos que, por muito iludidos, ingratos e pródigos que tenhamos sido, o Pai anseia o nosso regresso. Ao primeiro vislumbre da nossa mudança de coração, Ele corre para nós, abraça-nos e beija-nos, e cumula-nos de provas da Sua aceitação e amor eterno (ler Lucas 15:11-32).

O Pai amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito. O Pai é “misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade”, perdoador mas também é alguém “que ao culpado não tem por inocente” (João 3:16; Êxo. 34:6, 7). Ele perdoa o pecado,

mas não pode tolerá-lo para sempre. O dia chegará em que, naquilo que as Escrituras chamam “o Seu estranho acto” (Isa. 28:21), o Pai fará o que nunca tinha feito antes. Ele destruirá para sempre a parte da Sua criação que não pode ser resgatada – mais precisamente, aqueles que *recusaram* ser redimidos – destruindo o pecado e pecadores nas chamas purificadoras sem igual.

O meu pai terrestre fez o que lhe pareceu melhor (quase sempre!), mas o meu Pai celeste sabe o que é melhor para mim (sempre!).

Essa destruição pelo fogo dará lugar a uma nova criação e, pela última vez, o Pai tirará uma bênção de uma maldição, fazendo novas todas as coisas, permitindo que a Terra seja mais bela e as pessoas que nela habitarem mais amáveis.

O sim de Deus

Aprendi que os pais, por vezes, dizem “sim” quando querem realmente dizer “não”, e às vezes dizem “não” quando, como crianças, só queremos ouvir “sim”. Mas, com o nosso Pai celeste, “sim” significa sempre “sim” e “não” significa sempre “não”. E quando a resposta às nossas orações é “não”, ao mesmo tempo significa sempre “sim” para algo melhor. Normalmente, é preciso tempo para

percebê-lo, e devemos confiar e acreditar que “*todas as coisas* contribuem juntamente para o bem”. Às vezes, talvez não o consigamos ver de todo nesta vida, mas temos a garantia de que um dia, porque Ele é o Pai maravilhoso que é, Deus limpará todas as lágrimas dos nossos olhos e fará novas todas as coisas (Rom. 8:28; Apoc. 21:4, 5). Como é que podíamos desejar um Deus melhor do que Este?

E, no entanto, uma coisa que vamos aprender à medida que os anos da eternidade chegarem e passarem, é que Ele é infinitamente melhor do que pensamos, e necessitaremos de nada menos do que uma eternidade para compreender isso tão plenamente quanto as nossas limitações humanas nos permitirem. E nós amá-lo-emos mais e mais... para sempre! Ellen G. White disse: “Assim como o conhecimento é progressivo, o amor, a reverência e a felicidade também aumentarão. Quanto mais os homens aprendem acerca de Deus, mais admiram o Seu carácter.”³ ♦

· **Clinton Wahlen**

Director associado do BRI (Biblical Research Institute) da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia

Referência

1. *Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...*, Uma Exposição Bíblica de 27 Doutrinas Fundamentais, Associação Pastoral, Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, Publicadora Atlântico, S.A., Sacavém, 1989, p. 26.
2. Tradução livre da letra de Dennis Jernigan, Shepherd's Heart Music, 2002.
3. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, Publicadora Servir, p. 563.



As Publicações e a Evangelização

Deus é um grande escritor! Para Ele, é importante que a Sua mensagem permaneça escrita. Ele próprio escreveu os Dez Mandamentos em tábuas de pedra, e quer escrever essa mesma lei no nosso coração. Deus ordenou aos Seus profetas que escrevessem as mensagens que Ele próprio lhes transmitia. É curioso que, das 26 vezes que a palavra “escreve” aparece na Bíblia, 21 delas são ordens expressas por Deus aos Seus profetas. Permita-me, prezado leitor, que lhe pergunte: Porque é que Deus dá tanta importância à palavra escrita? Creio que, mais do que nunca, todos nós, como Igreja, conhecemos a resposta: As publicações têm um papel fundamental na pregação do Evangelho!

Quero apresentar-lhe **três razões** pelas quais as publicações são indispensáveis para o cumprimento da missão da Igreja. Em primeiro lugar, **as publicações podem chegar a lugares onde nós não podemos chegar**. Ainda recentemente estudámos na Escola Sabatina a vida de Baruque. Jeremias tinha uma mensagem para Judá e para os seus dirigentes, mas não lhe foi permitido ir ao templo ou a lugares públicos. Tão pouco podia entrar no palácio do rei. A solução foi escrever um livro, por meio de Baruque, o escriba. De imediato, pediu a Baruque que fosse ao templo e lesse o livro para que todos o pudessem ouvir. Os mais próximos do rei souberam o que estava a acontecer e pediram a Baruque o livro para conhecer o seu conteúdo. Logo o levaram ao rei.¹ Desta forma todos escutaram a mensagem. Lembram-se quando João estava preso em Patmos? Não podia ir pregar às sete Igrejas da Ásia, e o que é que aconteceu? Deus ordenou-lhe que

escrevesse às sete igrejas. “Há muitos lugares onde a voz do Pastor não pode ser ouvida, lugares que só podem ser alcançados pelas nossas publicações – livros, revistas e folhetos repletos das verdades bíblicas de que o povo necessita. As nossas publicações devem ser distribuídas em todos os lugares, a verdade deve ser semeada junto a todas as águas, pois não sabemos qual vai prosperar primeiro, se esta ou aquela. No nosso falho juízo, podemos pensar não ser sábio dar publicações justamente aos que poderiam aceitar a verdade de imediato, mas não sabemos quais podem ser os resultados de dar um folheto ou um livro que contém a verdade presente.”²

A segunda razão que lhe quero apresentar é a de que **as publicações podem chegar a mais pessoas do que podemos imaginar**. Repare no seguinte: se João, ou mesmo Paulo, não tivessem estado presos, com certeza teriam pregado a mensagem pessoalmente em lugar de escrevê-la, diria mesmo que teriam pregado sermões poderosos, mas o que é verdade é que o seu efeito somente atingiria os seus ouvintes naquele momento. Graças a Deus que, em lugar de pregar, escreveram as suas mensagens e, desta forma, cada um de nós beneficia dos seus conteúdos, milhões de pessoas podem ser beneficiadas. No tempo de Jeremias, o rei queimou o rolo que Baruque tinha escrito, mas Deus ordenou ao profeta que o escrevesse novamente. Em Maio de 1844, Josué Hymes anunciou que haviam distribuído mais de cinco milhões de exemplares de periódicos e folhetos acerca do advento. Apesar do desapontamento, os nossos irmãos sentiram a necessidade de utilizar as publicações para difundir a verdade, e estamos a falar de um grupo pequeno

(pouco mais de cem pessoas), que não estava organizado, não tinha templos, nem recursos. A década de 1870 a 1880 foi uma das de maior crescimento na nossa Igreja. Em 1870 a Igreja tinha 5440 membros, enquanto que, dez anos mais tarde, já havia 15 570 membros! Fantástico, não é verdade? Qual foi uma das chaves deste sucesso? Foi a distribuição massiva de publicações. Segundo o pastor John Loughborough, primeiro historiador da nossa Igreja, a criação da Sociedade Missionária de Publicações introduziu uma nova era na pregação da mensagem, pois trouxe à Igreja quase tantas almas como as provenientes dos esforços do ministério.

A terceira razão é que **as publicações podem fazer uma obra que nós não podemos fazer**. Gostava de partilhar com o prezado leitor uma experiência que li há algum tempo e que me impressionou fortemente. Em 1906, o irmão Godofredo Block, que, mais tarde, veio a ser Pastor, dedicava-se à agricultura. Com o resultado do trabalho de um ano decidiu comprar 300 exemplares do livro “O Grande Conflito”, em espanhol, alemão e francês. Quando recebeu os livros, convidou outro irmão da igreja para o acompanhar numa viagem missionária durante três meses, com o objectivo de vender os livros a preço de custo, para deste modo dar a conhecer a nossa mensagem. Passaram mais de 60 anos. Em 1969, a senhora Udrižad, que vivia em General Campos, na Argentina, completou o curso que a escola da rádio postal oferecia. Nessa altura, solicitou que a visitassem. O Pastor Carlos Marsollier era o responsável desta região e, com a sua esposa, foi visitá-la. A senhora Udrižad vivia no campo, na casa onde tinham

vivido os seus pais, era viúva, e o Pastor, ao falar com ela, notou o grande conhecimento bíblico que possuía. O Pastor questionou-a sobre onde e como tinha estudado a Bíblia. A senhora respondeu: “Tenho um livro!” Foi buscá-lo e apresentou-lhes um livro antigo e volumoso – *O Grande Conflito* – em francês, que o nosso irmão Godofredo havia vendido ao pai, havia muitos anos! Contou que dois homens chegaram a sua casa, o seu pai comprou-lhes um livro, leu-o e causou-lhe um grande impacto espiritual. Partilhou a leitura do livro com a família, mas especialmente com ela, pois esta sua filha preocupava-se com temas espirituais. Nunca souberam quem era aquele homem, nem tão pouco de onde viera; tentaram encontrá-lo para saberem mais, mas não foi possível. Passaram-se muitos anos, e o pai desta senhora chamou-a antes de morrer e disse-lhe: “Filha, talvez no futuro tenhas a oportunidade de contactar as pessoas que publicaram este livro. Tenho a convicção de que eles pertencem à Igreja de Deus!” Quão contente a senhora Udrizad ficou ao saber que o curso da escola da rádio postal pertencia à mesma organização que publicou *O Grande Conflito*! Recebeu estudos bíblicos com a sua família, e no final, ela, os seus filhos e netos, foram baptizados! Não é maravilhoso?

Ellen White escreveu enfaticamente que a Obra das Publicações deve continuar a crescer até à volta de Jesus! Em 1875, viu em visão Publicadoras espalhadas por muitos países, imprimindo livros, periódicos e folhetos que continham a verdade presente. “As casas editoras e as impressoras são instrumentos nas mãos de Deus para enviar a toda a língua e nação a preciosa luz da verdade.”³ “À medida que a obra avança, devia aumentar a circulação das nossas publicações.”⁴ Perante estas afirmações, prezado leitor e irmão, impõe-se perguntar: ***O que podemos fazer?*** Para alguns, pode ser a possibilidade e o privilégio de desenvolverem uma vocação a tempo inteiro, de uma forma profissional, ao serviço dos Ministérios das Publicações e na difusão de obras com excelência de conteúdos junto dos nossos concidadãos. Para outros, pode ser o apoio regular na distribuição de publicações de fins unicamente missionários, com a igreja local, junto da comunidade que o envolve, junto de colegas de trabalho, vizinhos, amigos e familiares. Para todos, a intercessão por cada Colporteur, que dia após dia possa sair na companhia dos anjos do Senhor e, que cada lar que recebe uma página ou um livro, comprado ou oferecido, possa receber a maior bênção possível: o conhecimento de Cristo Jesus nosso Salvador! ✨

· **Artur Guimarães**

Departamento dos Ministérios das Publicações

Referências

1. Jeremias 36:11-21.
2. *O Colporteur Evangelista*, pág. 13.
3. *El Ministerio de las Publicaciones*, pág. 428.
4. *Idem*, pág. 438.

Colporteur Evangelista

Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás.
Eclesiastes 11:1

30 de Abril
Dia das Publicações

Um Desafio,
Uma Solução,
Um Ministério!

Departamento dos Ministérios das Publicações
Rua da Serra, 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo

Vitamina D... de "Descobrir"



Gostas de tomate? É um alimento muito apetitoso, não é? Podes preparar saladas, sopas, canapés, molhos, etc., com ele.

Talvez te surpreenda saber que, se tivesses vivido há duzentos anos, não o comerias, porque, nessa época, consideravam-no uma planta venenosa que só se cultivava para decorar os jardins.

Um dia, cansado desta situação, o coronel Robert Gibbon declarou publicamente que, no dia 26 de Setembro do ano de 1820, comeria um cesto de tomates diante de todos os presentes. Avisou a quem quisesse vê-lo com os seus próprios olhos que não faltasse ao encontro. Rapidamente a notícia correu o condado e uma grande multidão quis presenciar o acontecimento. Nesse dia, o coronel colheu um cesto repleto de tomates e partiu, disposto a cumprir a sua promessa. Ali, enquanto as pessoas o observavam em silêncio e esperavam que caísse morto a qualquer momento, Robert Gibbon comeu até ao último dos frutos que levava no cesto. Para surpresa de todos, quando acabou de comer estava muito satisfeito, de tal modo que seguiu tranquilamente a pé para casa. Pouco a pouco, as pessoas atreveram-se a prová-lo e descobriram assombradas que o tomate era delicioso e inofensivo.

Às vezes, as pessoas acreditam que sabem tudo porque já conhecem muito, mas não é bem assim. Ainda existem muitas coisas por descobrir: desde o mais pequeno até ao maior que possas imaginar. Realmente, só conhecemos uma parte dos milhões de conhecimentos que existem. Há muitos anos, Paulo, um escritor da Bíblia, deu um conselho aos destinatários de uma das suas cartas. Disse-lhes: "Examinai tudo. Retende o bem."

Sabes uma coisa? A curiosidade e o desejo de conhecer coisas novas é uma qualidade muito valiosa. Aproveita-a e utiliza-a para escolheres sempre o melhor.

Olá, Amiguinho!

Aqui tens sugestões para a tua agenda. Completa-a com as tuas ideias.

Abr 2011 Agenda

domingo	segunda	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado
27	28	29	30	31	 Êxodo 15:2 DIA INTERNACIONAL DOS AVÓS 1	 Tito 2:7 SÁBADO MUNDIAL DE ORAÇÃO E JEJUM 2
 CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE DA ADRA  Provérbios 15:23 3	 Levítico 19:18 4	 Deuteronómio 10:19 5	 João 15:13 6	 Isaías 1:17 7	 Salmo 33:3, 4 Ajudar nos preparativos para o Sábado 8	 I Pedro 5:5 CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE DA ADRA 9
 Ler a Lição da Escola Sabatina  I João 2:10 10	 Tito 3:2 11	 Neemias 8:10 12	 Decorar o verso da Lição da Escola Sabatina  Provérbios 25:11 13	 Salmo 116:1 14	 Lucas 11:28 Ajudar a limpar o meu quarto! 15	 Salmo 27:11 DIA DA EDUCAÇÃO 16
 Tiago 4:12 Vou ler a minha Bíblia todos os dias! 17	 Provérbios 50:5 18	 I Timóteo 4:12 19	 Romanos 13:8 20	 Filipenses 4:11 ACRE 2011 21	 I João 2:15 ACRE 2011 22	 João 6:68 ACRE 2011 23
 I Samuel 16:7 ACRE 2011 24	 Provérbios 20:22 No culto familiar, ORAR pela minha família 25	 Efésios 5:2 26	 Salmo 46:10 27	 I Timóteo 5:18 28	 Salmo 30:4, 5 DIA NACIONAL DO SORRISO 29	 Provérbios 21:5 30



Tardo Leve

Traído
limitado
esquecido
pressionado
acusado questionado amaldiçoado esbofetado cuspidado esmurado
escarnecido arrastado ridicularizado amarrado humilhado condenado
Cambaleaste
cegamente debaixo
do grande peso
de um feixe lascado
batendo no pó
vermelho misturado
com agonia
e não havia
ninguém
para ajudar.
Oh, meu Senhor,
pudesse eu
ter carregado
a Tua cruz!
Jesus, eu
não podia
antes.
Mas posso
agora.

Adaptado do livro de Chris Blake, *Swimming Against the Current*, Pacific Press Publishing Association, USA, 2007, p. 195.



1) Quem fez uma festa para receber um filho arrependido?

2) Quem mudou o salário de Jacob dez vezes?

3) Onde é que a Bíblia menciona que foi encontrado um rolo, em que havia um memorial?

4) Quem foi a mãe de todos os viventes?

5) Que idade tinha David quando derrotou Golias?

Consulta a tua Bíblia nos livros de Gênesis, I Samuel, Esdras e Lucas.
Confere as respostas no próximo número da Revista Adventista.

Boa pesquisa!

soluções

1. Rebeca (Gén. 24:61).
2. Belém e Jerusalém (Luc. 2:4; II Sam. 5:5-9).
3. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego (Dan. 3:20, 21).
4. Um denário (Mat. 20:2).
5. Jônatas (I Sam. 20:18-20).



Março 2011

Porque é que Jesus Morreu?

Porque é que Jesus morreu? Segundo o historiador judeu Flávio Josefo, Jesus morreu por causa de uma intriga política organizada por Pilatos e pelos sacerdotes de Jerusalém. No entanto, Lucas, ultrapassando a perspectiva de uma conspiração política, chega a uma conclusão mais nobre:

“Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus, nazareno, varão aprovado por Deus entre vós, com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus, por Ele, fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis” (Actos 2:22).

Paulo escreveu: “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras” (I Cor. 15:3). E Lucas afirma: “E, tomando consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito; pois há-de ser entregue às gentes, e escarnecido, injuriado e cuspido; e, havendo-O açoitado, O matarão” (Luc. 18:31, 32; ler também Mat. 20:17-19; Mar. 10:32-44).

O significado da cruz

O relato que Mateus faz da crucificação salienta os actos de crueldade contra Jesus: colocar-Lhe uma coroa de espinhos sobre a cabeça, uma cana na mão direita e ajoelhar-

O que é que se passou sobre a cruz?

Primeiro, Jesus foi um sacrifício: “Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós” (I Cor. 5:7; ler Êxo. 12:21). Cristo entregou-Se como vítima expiatória pelos nossos pecados (I João 4:10). De maneira objectiva, os crentes são ilibados dos seus pecados, e são então exortados a deixar todos os seus pecados. Escutemos Paulo: “Não reine, portanto, o pecado, no vosso corpo mortal” (Rom. 6:12).

Segundo, Cristo tomou sobre Si o castigo pelos pecados dos homens: “Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras” (I Cor. 15:3; ler Isa. 53, Mat. 26:24).

Terceiro, Paulo disse que Cristo pagou o resgate pela raça humana: “...o qual Se deu a Si mesmo em preço de redenção (*antilutron*) por todos” (I Tim. 2:6). Marcos diz que Cristo deu a Sua vida *lutron anti pollon* “em resgate de muitos” (Mar. 10:45; ler Mat. 20:28). Notem bem que o apóstolo Paulo combina o substantivo e a preposição numa só palavra (*antilutron*) que é certamente mais forte do que *lutron*. Assim, para Paulo, Cristo pagou o resgate na sua totalidade; Ele realizou uma expiação. Parece que o prefixo *anti* ou “no lugar de” acentua a noção de troca. Cristo é apresentado como uma “moeda de troca”, “em favor de” ou “no lugar de” todos. Devíamos ter em mente o seguinte pensamento: a expiação não foi a causa que motivou o amor de Deus, ela já era uma expressão do Seu amor (João 3:16).

Quarto, Cristo perdoa e justifica os crentes (Gál. 2:16). A justificação é um dom gratuito que Deus nos oferece através de Jesus Cristo. Nessa transacção, as obras não têm importância, elas não passam de uma consequência (Ef. 2:8).

A luta final e decisiva de Deus contra as forças do mal manifestada pela ressurreição de Cristo é o sinal da vitória completa sobre o pecado e a morte. Os pecados confessados são perdoados (I João 1:9). Os crentes encontram a paz de espírito descrita pela Bíblia como esta paz “que excede todo o entendimento” (Fil. 4:7; ler Rom. 5:1). A família humana está reconciliada com Deus (Rom. 5:11). E todos estes privilégios são-nos oferecidos graças à morte de Cristo sobre a cruz.

se diante d'Ele são todos gestos de desprezo. Os escarros eram uma afronta à Sua dignidade; os golpes na Sua cabeça com a cana ridicularizavam a Sua coroa. A mistura do vinho com o fel resultou num vinho de gosto amargo e cumpriu o texto do Salmo 69:21: “Deram-me fel por mantimento e, na minha sede, me deram a beber vinagre.” No Evangelho de Marcos, a personagem central da cruz é posta em evidência pela expressão: “Importava que o Filho do homem padecesse muito” (Mar. 8:31).

A morte de Cristo não deve ser considerada como um martírio pio ou, apesar das aparências, como uma tragédia; pelo menos, não como uma tragédia grega, na qual o desfecho final é desconhecido do herói trágico durante o desenrolar da intriga. Pelo contrário, a morte de Cristo foi um triunfo, uma vitória.

A cruz é a revelação do amor de Deus (João 3:16). Por isso é que Paulo disse:

“Mas, Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rom. 5:8).

A cruz é a revelação do amor de Deus (João 3:16). Por isso é que Paulo diz: “Mas, Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rom. 5:8). Em seguida, João reforça esta afirmação: “Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou o seu Filho para propiciação pelos nossos pecados” (I João 4:10).

Jesus morreu pela humanidade

As Escrituras não utilizam um vocabulário rebuscado ao descrever a cruz para obter um efeito de retórica. Paulo declara simplesmente: “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras” (I Cor. 15:3). A Epístola aos Hebreus descreve um Jesus “coroado de glória e de honra, aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos” (Heb. 2:9).

Quando Paulo quer revelar a humildade de Cristo no mais profundo da Sua humilhação voluntária, ele fá-lo com esta expressão: “Sendo obediente até à morte, e morte de cruz” (Fil. 2:8). Por outras palavras, Jesus rebaixou-se até à verdadeira grandeza. ♣

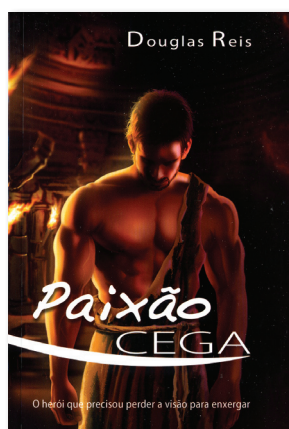
• **Vassel Kerr**

Deão da Faculdade de Religião e Teologia da Northern Caribbean University, em Mandeville, Jamaica



PAIXÃO CEGA

de Douglas Reis



Porquê ler um livro sobre a história da vida de Sansão?

Se descontarmos a distância histórica e as peculiaridades das culturas hebraica e filisteia, vamos ver que Sansão é muito mais moderno do que pensamos.

Os conflitos de consciência, o apelo descontrolado à sensualidade, os prazeres e as diversões, o estar dividido

entre dois mundos, os compromissos religiosos e a atracção das coisas interessantes da vida... Será que alguém conseguiria entender melhor os tempos em que vivemos do que este herói musculado?

Por meio de uma série de episódios da vida do juiz hebreu, o autor leva-nos a olhar Sansão como se estivéssemos a ver-nos ao espelho. O leitor conseguirá ver nas lacunas do carácter do filho de Manoá as suas próprias fragilidades, e encontrar no plano misericordioso de Deus o rumo da vitória para a sua própria existência.

Lamentavelmente, Sansão foi apenas uma pálida sombra daquilo que poderia ter sido. Mas conosco não precisa de ser assim!

Escrito para jovens, este livro tem também muito a dizer àqueles que já passaram pelos sobressaltos do amadurecimento.

O exemplo do herói que precisou de ficar cego para conseguir, na realidade, ver, é uma poderosa história, que dá preciosas indicações sobre como jovens cristãos podem viver vitoriosamente no século XXI. ♣

Rui Bastos, Director do Departamento de Jovens da UPASD

8

remédios lhe damos...



...para recomençar a viver em

8 dias!



MiraVillas
Aparthotel

Programa:


NEWSTART
recomeçar a viver

11 a 18 Setembro 2011

Pensão completa e todos os materiais incluídos:

Quarto duplo: €685 por pessoa

Quarto individual: €790

O programa inclui: Acompanhamento médico
(avaliação de colesterol/ glicémia / % gordura corporal)
Aulas de Saúde | Alimentação Vegetariana |
Exercício Físico | Descanso | Massagem |
Curso de Culinária Vegetariana

Inscrições feitas

até 15 de Junho:

10% desconto

Data limite

para inscrições:

31 de Julho de 2011

Tel.: 21 845 42 30

e-mail: info@medicinapreventiva.pt
www.medicinapreventiva.pt



associação portuguesa de
Medicina Preventiva

Av. Almirante Reis, 219 Cx/D1º 1000-049 Lisboa
tel: 218 454 230 fax: 218 454 231 NIF: 506574458